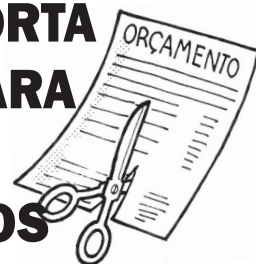
Ano VIII Edição 145
De 20/02 a 12/03/2003
R$ 1,50

GOVERNO LULA

PACOTE CORTA VERBAS PARA PAGAR BANQUEIROS

ORÇAMENTO

EM TODO O MUNDO MILHÕES VÃO ÀS RUAS CONTRA A GUERRA DE BUSH

NO WAR

PACKAGE DEAL
RACISM
SEXISM &
HOMOPHOBIA
QUEERS
AGAINST
WAR

Campanha da Alca ganha as ruas no dia 15 de fevereiro

CAMPANHA

LIBERDADE PARA ABLA SA'ADAT E IMAN ABU FARAH

Abla Sa'adat, esposa de Ahmad Sa'adat, dirigente da Frente Popular para a Libertação da Palestina, foi presa pelo Serviço Secreto Israelense quando tentava sair da Palestina e entrar na Jordânia, de onde seguiria para o III Fórum Social Mundial. Desde então está detida. Com ela encontra-se Iman Abu Farah. Abla e Iman não foram acusadas por nenhum crime, nem tiveram oportunidade de se defender.

Atualmente há cerca de seis mil palestinos sendo mantidos dentro das prisões israelenses, 60 são mulheres e mais de mil estão sob Detenção Administrativa.

A Addameer (Associação pela Libertação dos Presos Políticos Palestinos e Direitos Humanos) convoca a comunidade internacional a protestar contra o uso da detenção como forma de castigo coletivo e a exigir que Israel liberte imediatamente todos os presos.

ENVIE CARTAS DE SOLIDARIEDADE PARA:
addameer@palnet.edu
capai@robynet.com.br

VISITE O SITE DA ADDAMEER
http://www.addameer.org

SUMÁRIO

EXPEDIENTE

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CGC 73282.907/000-64 Atividade principal 61.81

CORRESPONDÊNCIA
Rua Loefgreen, 909 - Vila Clementino
São Paulo - SP- CEP 04040-030
e-mail: *opiniao@pstu.org.br*
Fax: (11) 5575-6093

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

CONSELHO EDITORIAL
Eduardo Almeida, Euclides de Agrela, Júnia Gouveia, José Maria de Almeida e Valério Arcary

EDIÇÃO
Euclides de Agrela

REDAÇÃO
Fernando Silva, Luiza Castelli, Mariúcha Fontana

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Gustavo Sixel

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Américo Gomes, Cacau, Eduardo Almeida, Felipe Alegria (Barcelona), Luciana Cândido, Lupus (Paraguai), Rogério Marzola, Romildo de Castro

IMPRESSÃO
GazetaSP - Fone: (11) 6954-6218

HUMOR

MONTAGEM SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO

Os internautas também estão contra a guerra. Confira a versão de 'Já sei namorar', dos Tribalistas, que circula na rede e pode virar sucesso no carnaval

OS BELICISTAS - JÁ SEI BOMBARDEAR
(W. BUSH, COLLIN POWELL)

Já sei bombardear,
Já sei armar o missil agora só me falta atirar
Já sei invadir, já sei peitar a ONU
agora só me falta explodir
Não tenho paciencia pra negociação
Eu tenho é mania de perseguição
Não ouço ninguém, acuso todo mundo
o Bin Laden e o Hussein
Não livro ninguém, exploro todo mundo
acho que o mundo é meu também
Já sei derrubar, já sei jogar a bomba na tua base militar
Eu sou o juiz, e não tô nem aí pra tantas vidas de civis
Peguei experiência com o Afeganistão
Se antes eu falhei, agora num erro não.
não ouço ninguém, até o Collin Powell
Tá igual a mim também
Não livro ninguém, primeiro o petróleo
Depois Amazônia também
Eu tô querendo, Sadan Hussein
Eu tô querendo, tudo o que tiver
Tô te querendo, não tem pra ninguém
Tô te querendo, petróleo do Hussein...

MARINGONI

- Pôxa, deixa a gente guerrear em paz!

ASSINATURA

NOME
ENDEREÇO
CIDADE ESTADO
CEP TELEFONE
E-MAIL

24 EXEMPLARES	48 EXEMPLARES
❑ 1x R$ 36,00	❑ 1x R$ 72,00
❑ 2x R$ 18,00	❑ 2x R$ 36,00
❑ 3x R$ 12,00	❑ 3x R$ 24,00
❑ Solidária R$	❑ Solidária R$ ....

Envie cheque nominal ao **PSTU** no valor da sua assinatura total ou parcelada para a Rua Loefgreen, 909 - Vila Clementino - São Paulo - SP - CEP 04040-030

AQUI VOCÊ ENCONTRA O PSTU

■ **SEDE NACIONAL**
R. Loefgreen, 909 - Vila Clementino - São Paulo - SP - (11)5575.6093 - *pstu@pstu.org.br* *www.pstu.org.br*

■ **ALAGOINHAS (BA)**
R. Alex Alencar, 16 -Terezópolis - *alagoinhas@pstu.org.br*

■ **ARACAJU (SE)**
Pça. Promotor Marques Guimarães, 66 A, cjto. Augusto Franco - Fonolândia *aracaju@pstu.org.br*

■ **BAURU (SP)**
R. Cel. José Figueiredo, 125 - Centro - (14)227.0215- *bauru@pstu.org.br*

■ **BELÉM (PA)**
Av. Gentil Bittencourt, 2089 - São Bras - (91)259.1485 - *belem@pstu.org.br*

■ **BELO HORIZONTE (MG)**
Rua Tabaiares, 31 - Floresta (Estação Central do metrô) (31)3222.3716 - *bh@pstu.org.br*

■ **BRASÍLIA (DF)**
EQS 414/415 - LT 1 - Bl. A - Loja 166 - (61)224.2216 *brasilia@pstu.org.br*

■ **CAMPINAS (SP)**
R. Dr. Quirino, 651 - (19)3235.2867- *campinas@pstu.org.br*

■ **CAMPOS DO JORDÃO (SP)**
Av. Frei Orestes Girard, 371 sala 6 - Bairro Abernéssia (12)3664.28998

■ **CAXIAS DO SUL (RS)**
(54)9974-4307

■ **COMETÁ (PA)**
R. Cel, Raimundo Leal, 925

■ **CONTAGEM (MG)**
Rua França, 532
Sala 202 - Eldorado

■ **CURITIBA (PR)**
R. Alfredo Buffren, 29, sala 4, Centro

■ **DIADEMA (SP)**
R. dos Rubis, 359 - Centro (11)9891-5169 *diadema@pstu.org.br*

■ **DUQUE DE CAXIAS (RJ)**
R. das Pedras, 66/01, Centro

■ **FLORIANÓPOLIS (SC)**
Rua Nestor Passos, 104 Centro (48)225.6831 - *floripa@pstu.org.br*

■ **FORTALEZA (CE)**
Av. da Universidade, 2333 (85)221.3972 - *fortaleza@pstu.org.br*

■ **FRANCO DA ROCHA (SP)**
R. Washington Luiz, 43 - Centro

■ **GOIÂNIA (GO)**
R. 242, Nº 638, Qda. 40, LT 11, Setor Leste Universitário - (62)202-4905

■ **GUARULHOS (SP)**
R.Miguel Romano, 17 - Centro (11)64410253

■ **JACAREÍ (SP)**
R. Luiz Simon,386 - Centro - (12)3953-6122

■ **JOÃO PESSOA (PB)**
R. Almeida Barreto, 391 - 1º andar - Centro - (83)241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

■ **JUIZ DE FORA (MG)**
Travessa Antônio Alves Souza, 16 - B. Santa Catarina (32)9966-1136/ 9979-8664

■ **MACAPÁ (AP)**
Av. Antonio Coelho de Carvalho, 2002 - Santa Rita - (96)9963.1157 - *macapa@pstu.org.br*

■ **MACEIÓ (AL)**
R. Inácio Calmon, 61 - Poço - (82)971.3749

■ **MANAUS (AM)**
R. Emílio Moreira, 801- Altos - 14 de Janeiro - (92)234.7093 *manaus@pstu.org.br*

■ **MUCURI (BA)**
R. Jovita Fontes, 430 - Centro (73)206.1482

■ **NATAL (RN)**
R. Dr. Heitor Carrilho, 70 Cidade Alta - (84)201.1558

■ **NITERÓI (RJ)**
R. Dr. Borman, 14/301 - Centro - (21)2717.2984 - *niteroi@pstu.org.br*

■ **NOVA IGUAÇU (RJ)**
R. Cel. Carlos de Matos, 45 Centro

■ **PASSO FUNDO (RS)**
XV Novembro, 1175 - Centro - (54)9982-0004

■ **PELOTAS (RS)**
(53)9104-0804 - *pstupelotas@yahoo.com.br*

■ **PORTO ALEGRE (RS)**
R. General Portinho, 243 (51)3286.3607 - *portoalegre@pstu.org.br*

■ **RECIFE (PE)**
R. Leão Coroado, 20 - 1º andar - Boa Vista - (81)3222.2549 - *recife@pstu.org.br*

■ **RIBEIRÃO PRETO (SP)**
R. Saldanha Marinho,87 - Centro - (16)637.7242 - *ribeiraopreto@pstu.org.br*

■ **RIO GRANDE (RS)**
(53)9977.0097

■ **RIO DE JANEIRO (RJ)**
rio@pstu.org.br

Praça da Bandeira
Tv. Dr. Araújo, 45 - (21)2293.9689

Zona Oeste
Estrada de Monteiro, 538 - Casa 02 - Campo Grande - RJ

■ **SANTA MARIA (RS)**
(55)9989.0220 - *santamaria@pstu.org.br*

■ **SALVADOR (BA)**
R.Coqueiro de Piedade, 80 - Barris - (71)328-6729 *salvador@pstu.org.br*

■ **SANTO ANDRÉ (SP)**
R. Adolfo Bastos, 571 Vila Bastos - (11)4427-4374 *www.pstunoabc.hpg.com.br*

■ **SÃO BERNARDO DO CAMPO**
R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11)4339-7186 e 6832-1664 *pstusaopaulo@ig.com.br*

■ **SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)**
R. Mário Galvão, 189 (12)3941.2845 *sjc@pstu.org.br*

■ **SÃO LEOPOLDO (RS)**
R. São Caetano, 53

■ **SÃO LUÍS (MA)**
(98)276.5366 / 9965-5409 - *saoluis@pstu.org.br*

■ **SÃO PAULO (SP)**
saopaulo@pstu.org.br

Centro
R. Nicolau de Souza Queiroz, 189 - (11)5904.2322

Zona Sul
Santo Amaro: R. Cel. Luis Barroso, 415 -(11)5524-5293
Campo Limpo: R. Dr. Abelardo C. Lobo, 301 - piso superior

Zona Leste
Av. São Miguel, 9697
Pça do Forró - São Miguel - (11)6297.1955

Zona Oeste
Av. Corifeu de Azevedo Marques, 3483
Butantã - (11)3735.8052

Zona Noroeste
R. Filomeno Bochi Pilli, 140, sala 5 - Freguesia de O' (11)3978.2239

■ **SUZANO (SP)**
Av. Mogi das Cruzes,91 - Centro (11) 4742-9553

■ **TAUBATÉ (SP)**
Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

■ **TEREZINA (PI)**
R. Quintino Bocaiúva, 778/n.

■ **UBERABA (MG)**
R. Tristão de Castro, 191 - (34)312.5629 *uberaba@pstu.org.br*

■ **VITÓRIA (ES)**
Av. Governador Bley, 186 - Sala 611 - ed. Bemge -Centro

Contra a guerra e contra a Alca

A LUTA CONTINUA

Na maior mobilização mundial desde a Segunda Guerra, milhões tomaram as ruas em todo o mundo.

No Brasil, as mobilizações surpreenderam, mostrando que a consciência anti-imperialista é de massas e que a campanha contra a guerra, a Alca, a dívida, o FMI e a militarização tem um espaço ainda maior do que quando do Plebiscito sobre a Alca.

Esse sentimento anti-imperialista que varre o planeta e também o Brasil, potencializa a organização dos comitês contra a Alca e a guerra, permite mobilizações ainda maiores e o sucesso do abaixo-assinado exigindo Plebiscito Oficial sobre a Alca em 2003.

MOBILIZAÇÕES SURPREENDERAM, MOSTRANDO UMA CONSCIÊNCIA ANTI-IMPERIALISTA DE MASSAS

NÃO À GUERRA!

As mobilizações colocaram os governos imperialistas numa situação delicada: estão em xeque governos como o de Blair na Inglaterra e o de Aznar na Espanha. Bush, ainda que mantendo uma maioria interna pró-guerra, tem um apoio decrescente. Entretanto, as mobilizações ainda não foram suficientes para impedir a guerra: o mais provável é a invasão do Iraque.

A divisão inter-imperialista pode acabar num acordo de guerra se eles chegarem num termo comum sobre com quanto do petróleo fica cada um dos imperialismos. França, Alemanha e Rússia defendem a recolonização do Iraque e sua ocupação por tropas da ONU, sem guerra imediata, mas com efeitos semelhantes. As multinacionais européias querem uma parte maior do petróleo do Oriente do que lhes reserva hoje os EUA.

Daí o papel da ONU, que tem sido de desarmar o Iraque, preparando caminho para uma invasão norte-americana.

O movimento deve estar preparado para tomar as ruas novamente e cercar as embaixadas dos EUA, caso a invasão comece. Nas mãos do movimento de massas está a possibilidade de fazer desta guerra um novo Vietnã para os EUA.

SE LULA NÃO APÓIA A GUERRA, TEM QUE ROMPER COM A ALCA E O FMI

Dia 15, o ministro Olívio Dutra declarou que o governo é "pela paz" e estava solidário com as mobilizações. Mas o governo brasileiro tomou medidas que transferem dinheiro para os banqueiros e ajudam a financiar a guerra.

Lula ofereceu ao FMI um superávit primário de 4,5% do PIB (o maior esforço para pagamento de juros dos últimos dez anos) e cortou 14,5 bilhões das verbas do orçamento. Também aumentou os juros, potencializando a sangria da dívida pública e a transferência de dinheiro para o sistema financeiro. Junto com isso, Lula segue com as negociações da Alca, adotando as propostas formuladas por FHC e ignorando o Plebiscito Popular do ano passado.

A Alca significa para a América Latina o mesmo que a guerra para o Iraque: a nossa recolonização. A ocupação do Iraque se fará com bombas, a da América Latina vem sendo feita com a dívida, as metas do FMI, as negociações da Alca e a implantação de bases militares dos EUA por todo o continente.

O MOVIMENTO DEVE ESTAR PREPARADO PARA TOMAR AS RUAS NOVAMENTE

As medidas tomadas pelo governo Lula até agora levam ao aumento do desemprego, do arrocho salarial e da fome em prol das exigências do FMI e dos banqueiros internacionais. Os trabalhadores devem exigir que Lula seja de verdade contra a guerra: que se negue a financiá-la.

Que Lula rompa com a Alca e o FMI e suspenda o pagamento da dívida externa!

Emprego, salário e terra para o povo brasileiro e apoio ao povo iraquiano com armas, comida e remédios.

É hora de multiplicar os comitês contra a guerra e a Alca, organizar palestras, divulgar e estender o trabalho com o abaixo assinado e marcar um novo dia de manifestação. ■

Reforma da Previdência beneficia banqueiros

APOIAR O FUNCIONALISMO E DERROTAR A REFORMA NAS RUAS

A proposta de reforma da Previdência do governo Lula defendida pelo ministro Berzoini – de forma nada transparente, diga-se de passagem – é em tudo igual à de FHC.

Por isso tem o apoio dos banqueiros, da Fiesp, do FMI e da mídia, que já está em mais uma campanha de satanização do funcionalismo público.

A lógica da reforma é transferir a arrecadação bilionária da Previdência para o sistema financeiro e fundos de pensão. Uma privatização para deixar no chinelo as entregas da Telebrás e do setor elétrico.

É tudo tão escandaloso que a reforma, se passar, além de arrancar direitos dos trabalhadores e ameaçar a aposentadoria de todos, causará um rombo sem precedentes nas contas públicas. O governo deixará de arrecadar o que arrecada hoje, transferindo a parte do leão para o sistema financeiro e tendo que sustentar as aposentadorias hoje existentes com uma arrecadação inferior.

O governo quer começar a reforma votando no Congresso o PL-9 (projeto de FHC), que acaba com a aposentadoria integral dos novos servidores e impõe a aposentadoria complementar privada.

A aposentadoria integral é um direito que deveria ser estendido a todos os trabalhadores. Escândalo não é o funcionalismo conseguir se aposentar com o salário da ativa. Escândalo é os trabalhadores do setor privado não terem tal direito.

Os funcionários públicos querem manter seus direitos e os trabalhadores do setor privado querem o retorno dos seus. Exigem a revogação das reformas de FHC: fim da emenda 20, fim do fator previdenciário, a volta do tempo de serviço... e também a extensão de direitos como a aposentadoria integral. E os do setor informal precisam ter direitos.

O governo Lula está fazendo o oposto: está se propondo a concluir as reformas de FHC.

O funcionalismo público federal, em plenária realizada dia 18, votou uma campanha contra essa reforma e irá à greve de imediato, caso o PL-9 tramite no Congresso.

TODOS DEVEM ENCAMPAR A LUTA CONTRA ESSA REFORMA!

O PSTU estará na linha de frente dessa luta, à disposição dos servidores e em campanha para ganhar o conjunto dos trabalhadores para derrotar nas ruas mais essa reforma do FMI e dos banqueiros.

Continuamos afirmando que, sem ruptura com a Alca e o FMI, o governo dará continuidade piorada ao projeto de FHC. Por isso, chamamos a esquerda do PT a romper com o governo e vir construir uma organização alternativa, que faça oposição de esquerda ao governo Lula.

Não concordamos com aqueles que dizem que a derrota do governo seria a derrota de toda a esquerda. Afirmamos que Lula optou por aderir ao programa de FHC quando se dispôs a se submeter aos ditames do FMI. Se isso "der certo", se Lula for vitorioso em impor a autonomia do BC, a reforma da Previdência etc., os trabalhadores serão derrotados e os banqueiros, vitoriosos.

É preciso derrotar esse projeto com mobilização. E é preciso forjar um partido de massas que seja expressão de um projeto de esquerda, anti-imperialista, de luta, de classe e socialista no nosso país. ■

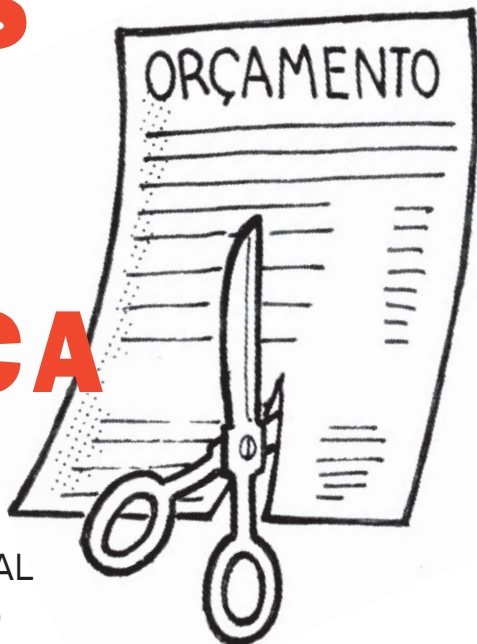
MEDIDAS AMARGAS CONTRA OS TRABALHADORES PARA ADOÇAR A BOCA DOS BANQUEIROS

PACOTE CORTA R$ 14 BI DO ORÇAMENTO E TIRA VERBAS DA ÁREA SOCIAL E DO AUMENTO DO SALÁRIO MÍNIMO PARA GARANTIR A ELEVAÇÃO DO SUPERÁVIT PRIMÁRIO E PAGAR AS DÍVIDAS EXTERNA E INTERNA

FOTO ROSE BRASIL / AGÊNCIA BRASIL

EUCLIDES DE AGRELA,
da redação

No dia 10 de fevereiro, o governo Lula anunciou um corte de R$ 14 bilhões no Orçamento da União em 2003. A desculpa encontrada foi o "erro" da gestão FHC no cálculo dos encargos previdenciários, maior em R$ 8,9 bilhões. O restante dos cortes – R$ 5,2 bilhões – se deveria a elevação do superávit primário para 4,25% do PIB.

Questionando os dados do governo Lula, o ex-ministro do Planejamento do governo FHC, Guilherme Dias, argumentou: *"o que não estava previsto era um aumento da meta do superávit em cerca de R$ 8 bilhões" (O Globo, 11/02/03)*.

Na verdade, o governo Lula resolveu elevar por sua própria conta o superávit primário de 3,75% do PIB (soma das riquezas produzidas pelo país em um ano) para 4,25%. Este superávit vai exigir uma economia de R$ 68 bilhões, que serão destinados para o pagamento dos juros das dívidas externa e interna.

Aparentemente esta não foi uma exigência imediata da missão do FMI, mas uma medida "preventiva" do governo. Então, porque o governo resolveu elevar o superávit? Por causa da iminência da guerra imperialista contra o Iraque que poderá trazer conseqüências catastróficas para as economias dos países semicoloniais. Temendo uma brutal fuga de capitais, o governo Lula busca ampliar a confiança do mercado financeiro internacional, garantindo às custas do aumento da fome, miséria e desemprego dos trabalhadores o pagamento da dívida pública.

MEDIDAS COSMÉTICAS NÃO MAQUEIAM CORTES

Junto aos cortes de R$ 14 bilhões o governo anunciou um pacote de 14 medidas cosméticas para tentar minimizar o impacto. A coincidência dos números não é casual.

A ampliação do crédito para as micro e pequenas empresas, a abertura de 3 mil vagas para estudantes nas universidades federais, a instalação de 4.200 computadores nas agências dos Correios e a desapropriação de 230 mil hectares de terra improdutivas para fins de reforma agrária, entre outras medidas do pacote, não conseguem minimizar o impacto dos cortes do Orçamento.

A área social perdeu R$ 5,1 bi, o que eqüivale a 36% do total de R$ 14 bi. O Ministério das Cidades, responsável pela urbanização das favelas, foi o mais atingido: perdeu R$ 1,9 bi. O Fome Zero perdeu R$ 34 milhões. A diminuição das verbas atingiu também os ministérios da Saúde (R$ 1,6 bi); Educação (341 milhões); e do Desenvolvimento Agrário (R$ 390 milhões). O corte na área de infra-estrutura – Transportes, Minas e Energia, Integração Nacional e Comunicações – chegou a R$ 5,2 bilhões.

Os cortes no Orçamento comprometem, inclusive, o reajuste do salário mínimo. Antes previsto pelo próprio governo para míseros R$ 240, o salário mínimo poderá ficar no máximo em R$ 234 no dia 1º de maio.

INDEPENDÊNCIA DO BC E PRIVATIZAÇÃO DOS BANCOS ESTADUAIS

Na esteira da elevação do superávit primário, o governo Lula antecipa que sua primeira reforma constitucional será a votação da independência do Banco Central, mais uma sinalização do cumprimento fiel dos contratos com o mercado internacional. Para tanto deverá alterar o artigo 192 da Constituição, que trata do sistema financeiro nacional. Além da independência do BC, o governo liquidaria a regulamentação do tabelamento dos juros em 12% ao ano, como determinava a Constituição de 1988.

Após a reforma, os dirigentes do Banco Central, depois de aprovados no Senado, passariam a ter mandatos de quatro anos e só poderiam ser demitidos em situações previstas por lei, como improbidade administrativa ou não cumprimento de metas.

Como se não bastasse, a privatização dos bancos estaduais, prevista no acordo com o FMI como complementar ao ajuste fiscal, também entra na pauta como prioridade. Atualmente estão sob controle da União e em processo de privatização os bancos dos estados de Santa Catarina, Piauí, Maranhão e Ceará. Este último, o Bec, já tem data prevista para ir a leilão: 19 de março.

Antes de completar seis meses, o governo vai estar se omitindo da política monetária do país, deixando Henrique Meirelles de mãos ainda mais livres, leves e soltas para aplicar as diretrizes do FMI, do Banco Mundial e do Federal Reserve dos EUA. Será um golpe mortal em nossa soberania, um passo qualitativo na recolonização do Brasil pelo imperialismo ianque. De troco, os bancos estrangeiros poderão levar alguns "banquinhos" estaduais.

Como lucidamente afirmou José Martins na última edição do **Opinião Socialista** : "quem tem a moeda tem o governo". ■

OS CORTES NA ÁREA SOCIAL

SEGURANÇA ALIMENTAR (FOME ZERO)
De R$ 1,75 bihão
Para R$ 1,72 bilhão
- R$ 34 milhões
-1,94%

EDUCAÇÃO
De R$ 7,2 bilhões
Para R$ 6,92 bilhões
- 341 milhões
-4,73%

SAÚDE
De R$ 24,64 bilhões
Para 23 bilhões
- R$ 1,6 bilhão
-6,49%

PREVIDÊNCIA SOCIAL
De R$ 1,47 bilhão
Para R$ 1,22 bilhão
- R$ 247 milhões
-16,80%

ASSISTÊNCIA E PROMOÇÃO SOCIAL
De R$ 1,23 bilhão
Para R$ 984 milhões
- R$ 250 milhões
-20,32%

TRABALHO
De R$ 784,5 milhões
Para R$ 522,8 milhões
- R$ 261,7 milhões
-33,35%

DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO
De R$ 1,1 bilhão
Para 709,3 milhões
- R$ 390,7 milhões
-35,50%

SECRETARIA ESPECIAL DE DIREITOS HUMANOS
De R$ 119,5 milhões
Para R$ 23 milhões
- R$ 96 milhões
-80,33%

SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA MULHERES
De R$ 24 milhões
Para R$ 4 milhões
- R$ 20 milhões
-83,33%

CIDADES
De R$ 2,2 bilhões
Para R$ 326 milhões
- R$ 1,87 bilhão
- 85%

Governo Lula aprofunda política recessiva de FHC

ALTA DOS JUROS, AUMENTO DO DÓLAR, RECESSÃO, ELEVAÇÃO DA INFLAÇÃO E CORTES NO ORÇAMENTO RESERVAM MAIS FOME, MISÉRIA E DESEMPREGO PARA OS TRABALHORES

Quando fechávamos esta edição, o Copom (Comitê de Política Monetária) anunciava a elevação da taxa de juros 25,5% para 26,5% anuais e o dólar comercial fechava em alta de 0,5%, sendo vendido por R$3,612 e comprado a R$3,608.

Ao contrário do dólar que "flutua" atualmente de acordo com os humores do mercado, a taxa de juros depende da política monetária do governo. Essa é a maior taxa de juros desde maio de 1999, quando ocorreu o ataque especulativo que derrubou a paridade do real com o dólar, e a segunda alta consecutiva dos juros no governo Lula. A "explicação" para sua elevação é que a medida tem por objetivo conter o avanço da inflação.

Porém, analistas do mercado financeiro apostam que o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo, usado como referência das metas de inflação) atinja 11,99% neste ano, um valor bem superior à meta ajustada de 8,5%. Ou seja, mesmo com essa taxa de juros astronômica a inflação continuará crescendo.

Então, qual o verdadeiro motivo para o aumento dos juros? Remunerar os capitais especulativos. Por isso, a alta dos juros interfere no aumento da dívida, na medida que um quarto dos títulos do governo são corrigidos pela taxa básica de juros – conhecida também com taxa Selic - do Banco Central. Já a alta do dólar também aumenta a dívida porque o governo vende ao mercado títulos que são corrigidos pela variação cambial.

Desta forma, o governo Lula sequer aposta na retomada crescimento econômico, como prometido. Na verdade, aprofunda a política recessiva de FHC. Isso significará para os trabalhadores mais desemprego e miséria, devido a queda da produção e o aumento do custo de vida.

"Se essa política econômica continuar, a única coisa que vamos gerar é desemprego"

Márcio Pochmann, secretário de Trabalho da prefeitura de São Paulo

Deixemos que um renomado economista do PT explique a relação da política econômica do governo com o aumento da crise social.

Em declaração ao jornal O Globo, o economista Márcio Pochmann prevê *"um desemprego recorde em fevereiro e um primeiro trimestre de 2003 trágico para o mercado de trabalho"*.

Isto se deve, para Pochmann, à elevação da taxa básica de juros que aprofunda a recessão da economia *"para cada ponto percentual de alta na taxa de juros cresce em média 0,7% o índice de desemprego em São Paulo"*, que deverá atingir 21% em fevereiro. Os cortes no Orçamento também contribuirão sobremaneira para o aumento do desemprego.

"Se essa política econômica continuar, não vamos fazer com que haja aumento de empregos. A única coisa que vamos gerar é desemprego", concluiu.

CONSELHO PRA BURGUÊS VER

No último dia 13 foi lançado o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), que reuniu mais de 400 pessoas – entre ministros, parlamentares e conselheiros - no salão nobre do Palácio do Planalto.

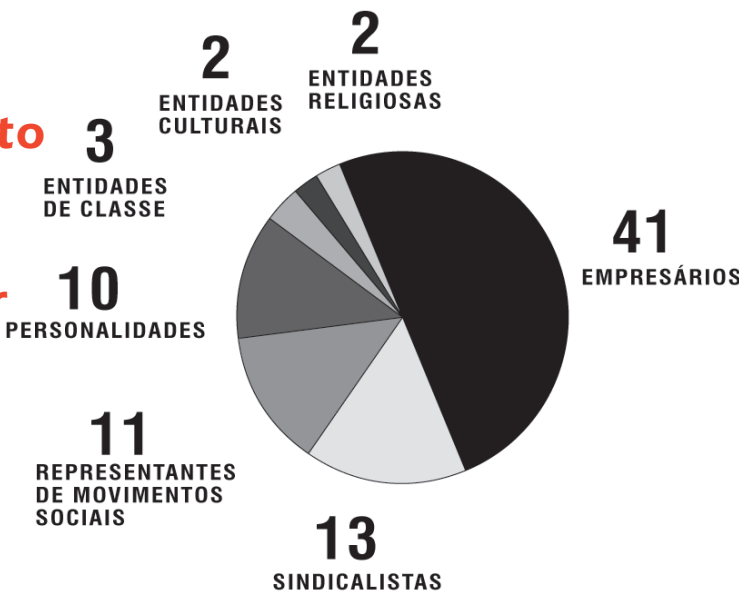
Lula, no lançamento do Conselho disse que é preciso "co-responsabilização". Ou seja, quer dividir responsabilidades sobre o encaminhamento das reformas neoliberais. A prioridade de suas reuniões será a discussão das reformas previdenciária, tributária e trabalhista. Foi fixado um prazo de 90 dias para a elaboração de uma proposta de reforma da Previdência.

Em um primeiro momento, estava previsto que os temas polêmicos seriam votados e a posição majoritária adotada como "recomendação" ao governo. Mas finalmente decidiu-se que o Conselho terá uma função mais consultiva. "Quando não houver consenso entre os conselheiros, o secretário-executivo remeterá ao presidente e publicará no Diário Oficial as posições divergentes", diz o regimento do órgão (FSP 14/02/03).

Dos 82 membros do CDES, 41 são empresários. Um dos membros ilustres é nada mais nada menos que Luís Otávio Gomes da Silva, ex-sócio de PC Farias que ainda responde a processo por sonegação fiscal e falsidade ideológica. Apenas 13 são sindicalistas.

Mesmo que as polêmicas não sejam mais levada a voto, fica claro o caráter burguês deste conselho neoliberal. É uma vergonha que entidades como a CUT e a UNE participem deste órgão e dêem a ele aval diante dos trabalhadores e estudantes brasileiros como organismo de "diálogo" com a sociedade. Estas entidades devem não só romper com o CDES mas inclusive denunciar o seu caráter reacionário.

FOTO ANTONIO CRUZ / AGÊNCIA BRASIL

Metade do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES) é composta por empresários

O dilema da esquerda do PT

HELOÍSA HELENA, BABÁ E LINDBERG FIZERAM CRÍTICAS ÀS MEDIDAS NEOLIBERAIS DO GOVERNO LULA. ESSES COMPANHEIROS VIVEM UM DILEMA: OU ROMPEM COM O GOVERNO E VOTAM CONTRA A REFORMA DA PREVIDÊNCIA, A AUTONOMIA DO BC E O PROJETO DO FMI QUE VEM SENDO APLICADO, OU ACEITAM A DISCIPLINA DO PT E SE TORNAM CÚMPLICES DOS ATAQUES CONTRA OS TRABALHADORES

FOTO MAURÍCIO SABINO

A senadora Heloísa Helena (PT-AL) e o deputado Babá (PT-PA) participam da plenária dos servidores públicos federais

EDUARDO ALMEIDA,
da Direção Nacional do PSTU (MG)

Há algumas semanas houve na imprensa uma grande repercussão das declarações da senadora Heloísa Helena (PT-AL) que negou-se a votar em favor da nomeação de Henrique Meireles, para o Banco Central (BC), e de Sarney, para a presidência do Senado.

Em seguida Babá, deputado federal (PT-PA), levantou uma polêmica aberta com Antônio Palocci sobre os rumos da política econômica. Lindberg Farias (PT-RJ) também se manifestou no mesmo sentido.

A direção do PT ameaçou punir estes parlamentares. Houve uma negociação e aparentemente um acordo. O assunto saiu de cena. Porém, as votações dos projetos e medidas do governo poderão suscitar um embate ainda maior.

O governo do PT, que veio com promessas de mudanças, está dando continuidade à política econômica de FHC. As "mudanças" que estão ocorrendo são para pior: aumento da taxa de juros, elevação do superávit primário, cortes dos gastos sociais, aumento dos preços e tarifas, continuidade da reforma da previdência de FHC e autonomia do BC.

Esta política tem conseqüências: está levando ao começo – repetimos: apenas começo - do desgaste do governo Lula. Não se trata ainda de um fenômeno de massas, pois seguem existindo esperançosas ilusões de melhora de vida. Mas já há uma insatisfação crescente entre os ativistas mais politizados que não foram tragados para o aparato de Estado. O clima já não é mais de "oba-oba", mas de perplexidade em amplas camadas.

Heloísa Helena ocupou, com suas declarações, um lugar nos corações e nas mentes de todo esse setor crítico na base. "Aí está alguém do PT que critica estes absurdos". A direção do PT recuou da ameaça de punição imediata quando percebeu, pelas pesquisas de opinião, que existia uma ampla oposição a qualquer represália contra a senadora.

> AO SEGUIR REIVINDICANDO O GOVERNO LULA COMO SEU, ESTÃO ASSUMINDO PARTE DA RESPONSABILIDADE COM AS SUAS MEDIDAS

VOTAR CONTRA OU A FAVOR DO GOVERNO: EIS A QUESTÃO

Estes companheiros tiveram o mérito de, pelo menos, denunciar as medidas do governo, coisa que a maioria da esquerda petista não fez.

Mas este setor minoritário da esquerda petista vive um grande dilema: vai ter de votar contra ou a favor das medidas neoliberais do governo que representam um ataque claro contra os trabalhadores e a soberania. A direção do PT ameaça expulsar quem votar contra. O que farão Heloísa Helena, Babá e Lindberg?

Até agora, suas críticas não citaram diretamente Lula. Heloísa Helena, depois de criticar a indicação de Sarney para a presidência do Senado, disse: "Não acredito que o que está acontecendo seja culpa de Lula, não é uma questão de malevolência individual. O que está havendo é uma inaceitável demonstração de fraqueza do partido, de não se apropriar de um momento tão belo para viabilizar as mudanças profundas de que o Brasil precisa e que o PT prometeu em seu programa." (Veja). Heloísa Helena está equivocada e deveria saber que isso não é assim. Palocci e Meirelles não dariam um passo sem o consentimento de Lula.

Esses companheiros não criticam Lula, porque consideram este como "seu" governo. Lindberg chegou a declarar que "a derrota do governo seria a derrota de toda a esquerda" (FSP). Babá não ficou atrás: "Não sou nenhum maluco que quer desestabilizar o governo" (FSP).

Essa é uma boa discussão: De quem é o governo? Para um observador com um mínimo de objetividade, a dinâmica das decisões fundamentais do governo Lula é dada pelos interesses do capital financeiro e ditada pelo FMI e Banco Mundial.

Ao seguir reivindicando o governo Lula como seu, estes companheiros estão assumindo parte da responsabilidade com todas as suas medidas. Não se trata de qualquer governo: Lula apóia-se na confiança dos trabalhadores para entregar o Brasil à Alca e está preparando ataques às massas que nem mesmo FHC conseguiu desferir.

Esses companheiros também falam que "esse governo tem que dar certo!" O que isso significa? Dar certo seria aprovar a reforma da previdência e a autonomia do BC? Todos os que defendem os interesses dos trabalhadores devem querer que o governo seja derrotado nestes temas.

Essa discussão terá uma conseqüência direta na hora da votação das medidas propostas por Lula - e não só por Palocci, Meirelles, Sarney e cia. Se esses parlamentares, por qualquer consideração tática, votarem a favor do governo ou se abstiverem, estarão sendo cúmplices de ataques contra os trabalhadores. ■

Para se manter ao lado dos trabalhadores, parlamentares terão de votar contra o governo

Heloísa Helena não compareceu ao Senado para votar a favor ou contra Meirelles e Sarney. Mas nas votações da reforma da previdência e da autonomia do BC, a ausência - que tem o significado de abstenção - é inadmissível. Não se pode fugir ou lavar as mãos em questões decisivas como estas. É necessário votar contra o governo.

Mais ainda: porque Heloísa Helena, Babá e Lindberg não se integram à campanha pelo plebiscito oficial sobre a Alca e exigem de Lula, direto da tribuna do Parlamento, sua realização imediata?

Ao votarem contra o governo, esses parlamentares estarão juntos com todos os setores da classe que votaram em Lula e já começam a entrar em choque com suas primeiras medidas. Mas, dirão alguns, eles podem ser expulsos do PT, e este não seria o momento de romper.

Na vida política, existem os problemas táticos e os de princípios. Não existe nenhuma consideração tática que justifique uma votação contrária aos trabalhadores, ou uma abstenção. Se a esquerda petista ceder nisso, cederá em tudo. Se vale tudo para ficar no PT, é porque no fundo a lógica é a mesma da direção do PT: vale tudo para se eleger.

É a hora de romper com o governo Lula. É hora de romper com o PT. Nós somos e seremos solidários à batalha destes companheiros da esquerda petista. Caso eles rompam com o governo e com o PT, sabem que estaremos dispostos a discutir um projeto comum. Com a palavra, Heloisa Helena, Babá e Lindberg...

NÃO QUEREMOS SANGUE POR PETRÓLEO! NÃO À GUERRA CONTRA O IRAQUE!

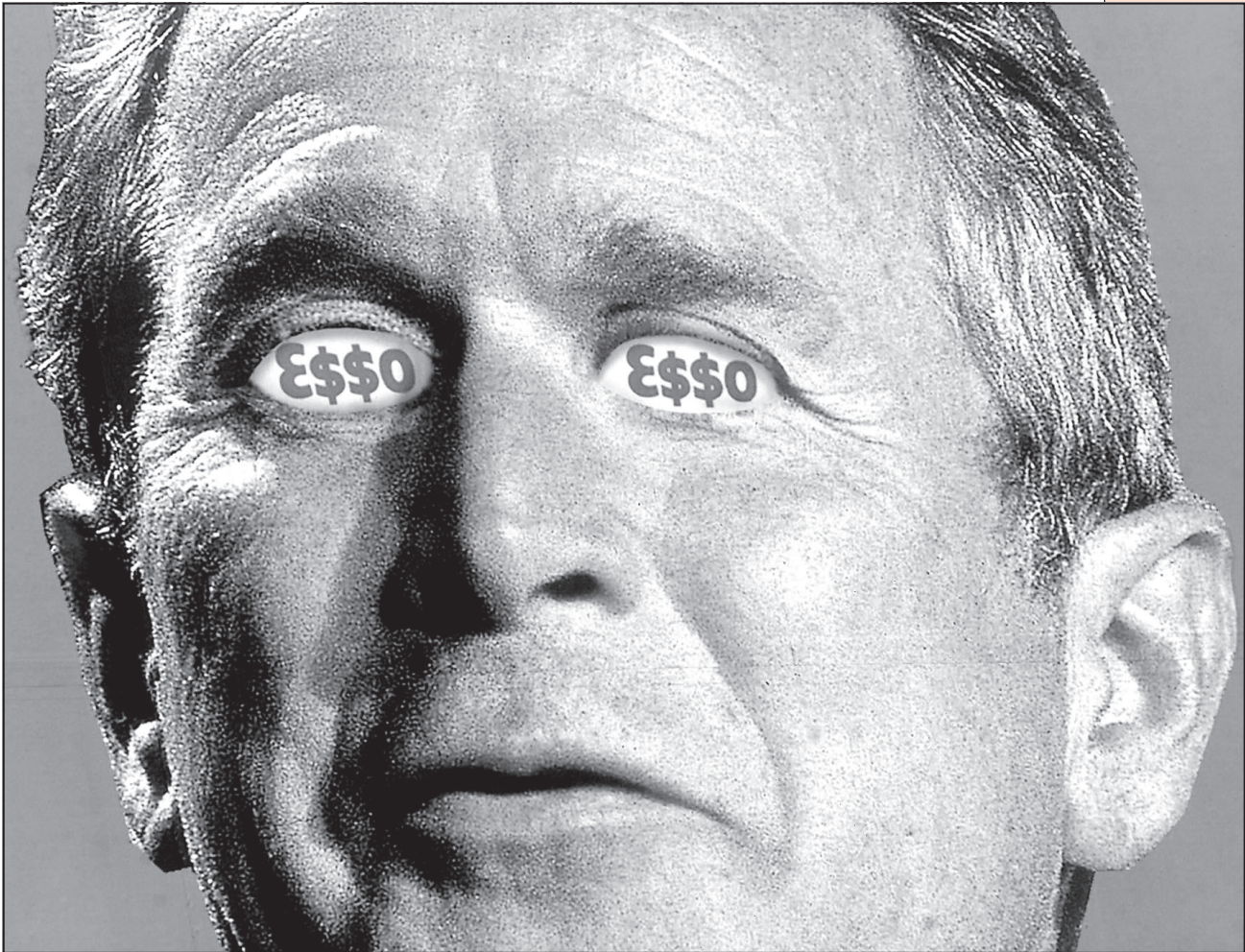
NAS RUAS, NAS FÁBRICAS E ESCOLAS VAMOS COMBATER O IMPERIALISMO GENOCIDA!

Estamos às vésperas de uma agressão genocida da maior potência imperialista de nossos tempos, os EUA, a um pobre país, o Iraque. Esta nova guerra contra-revolucionária se desenvolve de acordo com as tendências deste início de século XXI, marcado pelo recrudescimento da política de pilhagem colonial imperialista após a guerra do Afeganistão. A marcha para esta guerra ao Iraque faz parte da política contra-revolucionária de George W. Bush, cuja expressão pública mais clara é a "doutrina da guerra preventiva". Essa doutrina visa adequar a política norte-americana às necessidades imperialistas num momento de crise econômica que se aprofunda: acelerar a retomada das fontes de petróleo e do controle absoluto da região estratégica do Oriente Médio, no marco de uma política globalmente recolonizadora, baseando-se na utilização sem muitos disfarces do poder imperialista para controlar as fontes de riquezas (como o petróleo) e para dobrar os povos que a ele se oponham.

Mas o cenário para esse enfrentamento já reflete uma mudança importante desde a guerra do Afeganistão: nesses últimos meses, avançou a experiência dos povos de todo o mundo com essa nova política que prenuncia cada vez mais miséria, guerras e massacres para toda a humanidade. Ao mesmo tempo em que o maior exército da terra concentra cada vez mais aeronaves, navios e soldados para tomar de assalto e colonizar o país, massacrando a população iraquiana, a dimensão que já tomou a mobilização mundial contra a guerra, a consciência anti-imperialista crescente em todos os continentes, potencializa um giro decisivo na situação mundial, na esteira da luta contra a guerra, ao estimular a revolta dos povos contra a ordem dominante.

O imperialismo quer fazer desta guerra um novo e importante passo em sua escalada de terror contra os povos. Não por acaso, no mesmo momento se acirra a pressão sobre a Venezuela (com apoio aos golpistas), aumenta a repressão ao povo palestino, se aceleram a Alca e o Plano Colômbia. E dentro dos próprios EUA redobram-se os ataques aos direitos dos trabalhadores, das mulheres e, frontalmente, aos imigrantes, em particular os de origem árabe.

AS MENTIRAS DE BUSH PARA JUSTIFICAR O ASSALTO AO IRAQUE

O pretexto apresentado para essa guerra por Bush e sua equipe central, toda oriunda do complexo 'petróleo e armas', é a suposta posse de "armas de destruição massiva" por parte do governo de Saddam Hussein. O secretário de Estado norte-americano, Colin Powell, foi encarregado de apresentar ao Conselho de Segurança da ONU – com cobertura internacional de TV – as supostas provas da posse dessas armas pelo Iraque. O roteiro de sua longa intervenção foi tão mal preparado que, dias depois, já era desmentido de forma contundente por repórteres como Robert Fisk e pelo ex-coordenador da comissão de inspetores da ONU, Scott Ritter.

> AVANÇOU A EXPERIÊNCIA DOS POVOS COM ESSA NOVA POLÍTICA QUE PRENUNCIA MAIS MISÉRIA E GUERRAS

Foi também desmentido por membros do serviço secreto britânico – que informavam à TV inglesa que não havia nenhuma prova de ligação entre o Iraque e a Al Qaeda. Para cúmulo, o próprio dossiê de Tony Blair contra Saddam, usado por Colin Powell em seu informe à ONU, era uma imensa fraude, copiado em grande parte do texto de um estudante norte-americano e baseado em dados de... 12 anos atrás.

> O DOSSIÊ DE BLAIR CONTRA SADDAM, USADO POR COLIN POWELL NA ONU, ERA COPIADO DO TEXTO DE UM ESTUDANTE

Mas a maior contradição é que Bush e Blair falam das armas de destruição massiva que o Iraque pode usar, enquanto eles praticam há mais de dez anos uma verdadeira destruição massiva do Iraque, através do embargo comercial e da destruição das instalações farmacêuticas e de produção de alimentos. Calcula-se em 500 mil o número de mortes de crianças até cinco anos e em cerca de um milhão o de adultos nesses doze anos, devido às inúmeras privações resultantes do bloqueio e dos bombardeios incessantes que essas potências imperialistas mantiveram nesse período. Falam da desobediência do Iraque, mas nem mencionam Israel, que tem comprovadamente bombas atômicas e ocupa os territórios palestinos, contrariando várias resoluções da ONU há mais de 35 anos.

Porém, eles ainda prometem mais destruição e massacres: Donald Rumsfeld ameaçou "fazer retornar o Iraque à Idade da pedra" caso o governo Saddam não capitule totalmente. E para isso estariam, inclusive, dispostos a usar suas armas nucleares e químicas "em caráter preventivo". Ou seja, para prevenir uma possível utilização de armas de destruição massiva que nem sequer provaram que existem, ameaçam o país e a população da região com a utilização de todo o terrível arsenal de armas do imperialismo já utilizado antes em Hiroshima e Nagasaki, no Vietnam e nos Bálcãs ■

UM DUPLO OBJETIVO NA GUERRA: controle do petróleo e redesenho do mapa do Oriente Médio

Esta guerra, como a do Golfo, tem como pano de fundo a decisão imperialista de garantir a qualquer custo o acesso livre à região, que responde por 60% do fornecimento de petróleo ao Ocidente. Mas a nova guerra não é uma mera reedição da guerra do Golfo. Ela é muito mais que isso, pois vivemos outro momento. Viemos de dois anos e meio de Intifada e de uma situação cada vez mais difícil para o principal sustentáculo do imperialismo no Oriente Médio: Israel. Enquanto em 1991 Bush-pai pedia a Israel que não interviesse, agora a guerra contra o Iraque não é somente para colonizar esse país. Bush quer impor sua ordem em toda a região, hoje bastante instável e ameaçando a principal reserva de petróleo do mundo. A aventura guerreira contra o Iraque também inclui um rearranjo do mapa do Oriente Médio, assim como uma nova agressão aos direitos da Palestina, pois Sharon trama, com respaldo de Bush, aproveitar a guerra para a expulsão de centenas de milhares de famílias palestinas dos territórios ocupados de Cisjordânia e Gaza para a Jordânia.

Sharon prepara esse ataque e treina seus soldados junto às tropas dos EUA, alegando que precisa também "eliminar o terror". É uma guerra duplamente contra-revolucionária, pois se associam o principal imperialismo e o Estado colonial de Israel, dirigido por um criminoso de guerra, para eliminar dois focos de oposição: a Intifada e o Iraque. Mas essa aliança pode ter uma desagradável surpresa, pois, apesar dos regimes burgueses corruptos e vendidos aos capitais norte-americanos, como os da Arábia Saudita, Egito e Jordânia, as massas do Oriente Médio cada vez mais mostram sua indignação e revolta. Dependendo do desenvolvimento da resistência das massas iraquianas e palestinas, a guerra pode desatar processos revolucionários em toda a região. Esse é o medo dos regimes como o turco, onde 90% da população são contra a cessão das bases militares para a operação contra o Iraque, e das petromonarquias. Também preocupa vários dirigentes burgueses na Europa e nos EUA.

OS ESTADOS UNIDOS
MAIS CONSOME PET

ITÁLIA 1,9%

FRANÇA 2%

CORÉIA DO SUL 2,2%

ALEMANHA 2,8%

JAPÃO 5,4%

EUA 2

...MAS MAIS DA META
RESERVAS ESTÃO NO

Os aliados europeus e o papel da ONU

A posição dos governos como Aznar ou Berlusconi não necessita muitos comentários: imploram um lugarzinho ao sol na expedição, são os vassalos esperando algumas migalhas da mesa após o banquete do imperialismo dominante. Já a posição dos governos da França, Alemanha e Rússia pode confundir aos menos avisados. Em primeiro lugar, reflete os interesses de suas burguesias, que temem os efeitos da guerra, pois têm investimentos poderosos no Iraque e na região que podem ser afetados pela invasão e destruição das instalações petrolíferas e pelo controle direto dos EUA sobre o país via protetorado (plano de Bush e Cheney). Esse foi o motivo de uma primeira objeção à guerra imediata e à adoção da resolução 1441.

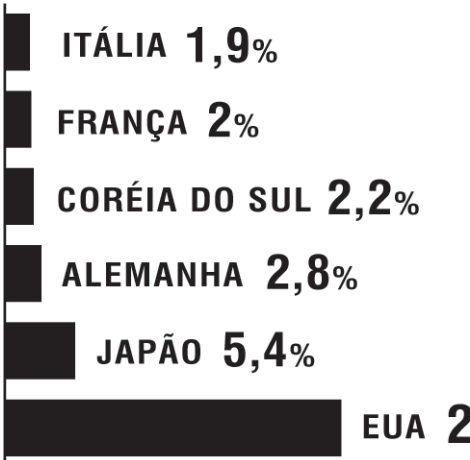
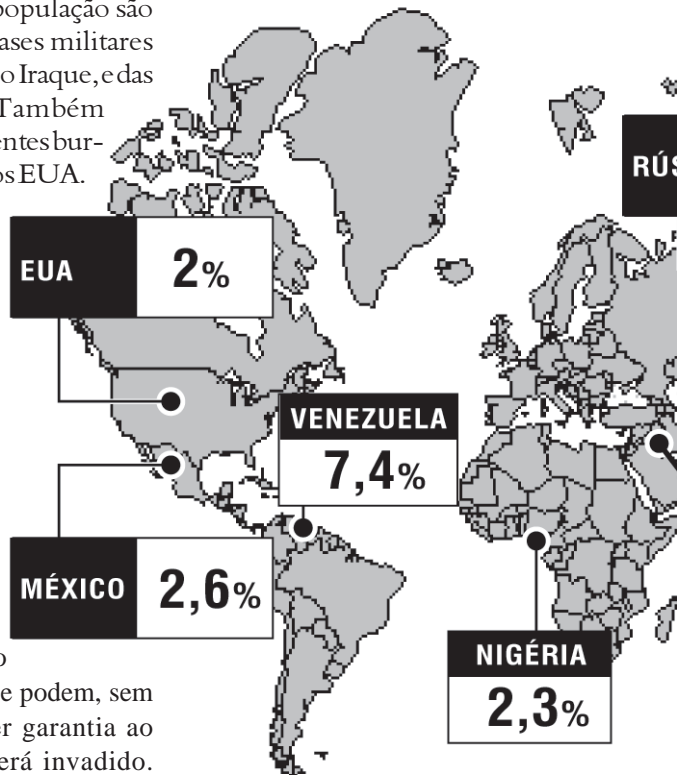
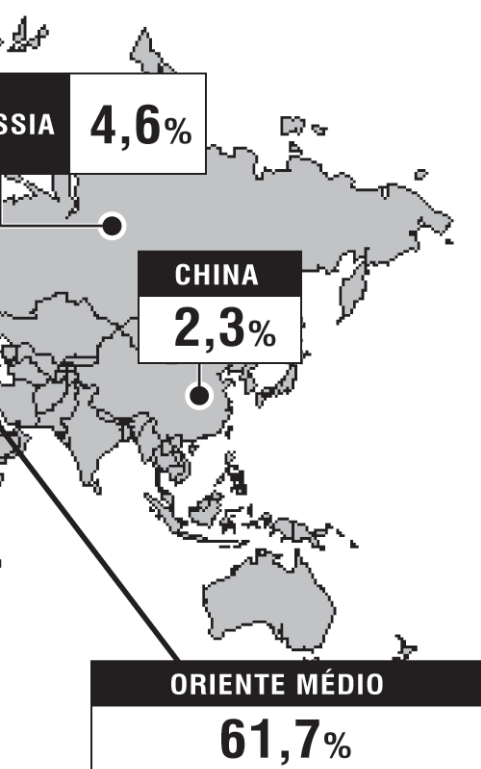
Aí ficou claro o caráter pró-imperialista da ONU: na verdade a ONU, como fez em outras guerras anteriores, como a do Golfo e a do Afeganistão, avaliza e é a vanguarda na implementação da política do imperialismo dominante, como foi durante 12 anos na aplicação das sanções ao Iraque. Sabendo muito bem que o motivo de toda a escalada norte-americana é o petróleo, a ONU aceitou as mentiras e o pretexto de Bush e companhia sobre "as armas de destruição massiva". Depois de muitas idas e vindas, o texto do Conselho de Segurança ficou praticamente de acordo com o que queria o governo Bush, já que ameaçava com sérias conseqüências o Iraque, caso não obedecesse total e prontamente às determinações da inspeção da ONU.

Alguns setores de esquerda chegam a dizer que a ONU é uma instituição neutra e democrática e busca manter a paz. No entanto, apesar de enviar centenas de inspetores para o Iraque para verificar se ele possui e eliminar as "armas de destruição massiva", a ONU não fez nada para inspecionar e destruir as milhares de armas de destruição massiva comprovadamente existentes do arsenal norte-americano. Foi desse arsenal que vieram as armas químicas usadas pelo Iraque contra o Irã e os curdos quando Saddam ainda era aliado dos EUA. Para comprovar como a ONU não tem nada de neutra nessa guerra, ela aceita realizar as missões de inspeção no Iraque sem sequer exigir um cessar-fogo dos bombardeios de destruição da aviação anglo-americana nas zonas de "exclusão aérea" do norte e sul do Iraque. Na verdade, a ONU já está intervindo no Iraque para preparar o terreno para a invasão dos EUA. Ao investigar, mapear e destruir a infra-estrutura iraquiana, ela garante aos EUA que, em caso de ataque, não terão que enfrentar armas que possam ameaçar suas tropas.

> A ONU JÁ ESTÁ INTERVINDO NO IRAQUE PARA PREPARAR O TERRENO PARA A INVASÃO DOS ESTADOS UNIDOS

O papel dos inspetores é servir de espiões que vão apontando a infra-estrutura e desativando ou destruindo tudo que podem, sem por isso dar qualquer garantia ao Iraque de que não será invadido. Ainda por cima sempre exigindo mais e mais recuos por parte do governo Saddam, de acordo com as pressões dos EUA. A última da comissão da ONU foi nada mais, nada menos, que exigir que Saddam permita que aviões U-2 dos EUA possam sobrevoar o território do Iraque sem serem alvejados. Isso quando já está montado o dispositivo bélico nas fronteiras do Iraque e os bombardeios à infra-estrutura do país continuam.

Por outro lado, a oposição massiva da população dos países europeus fez com que alguns governos precisem apresentar uma postura "pró-paz" frente a seus governados. Essa imensa oposição popular tem feito com que esses governos "aliados" tratem de se safar pela proposta de uma nova rodada de inspeção e de uma nova resolução da ONU autorizando a invasão somente após as inspeções. Ou seja, eles se escudam em admiter a guerra desde que...."nos marcos da ONU".

Recentemente armou-se uma crise entre EUA e França, Alemanha e Rússia em torno da utilização dos recursos da Otan para apoiar a Turquia e sobre uma nova resolução da ONU. Apesar do acatamento em geral por parte desses governos à hegemonia política e militar dos EUA, Bush é tão imperial na defesa de seus interesses e despreza de tal maneira a vontade de seus aliados que estes, frente a uma situação insustentável, resolveram buscar uma alternativa mediada à invasão pura e simples e ao protetorado dos EUA no Iraque. Essa alternativa do trio se baseia na imposição gradual a Saddam de um controle externo da ONU sob gestão européia. É uma outra proposta imperialista. Porém, isso deixou furiosos Rumsfeld e Bush, já que sairia do roteiro original em que os EUA controlariam diretamente os poços de petróleo e o país após a invasão. Por trás dessa fissura na frente imperialista estão os diferentes interesses burgueses e a imensa oposição das populações européias à guerra.

O movimento de massas deve aproveitar dessa divisão na frente inimiga e reforçar a sua mobilização, mas estando alerta quanto a possíveis manobras: essa posição é de governos imperialistas e burgueses que se guiam pelos interesses dos seus capitais, não estão preocupados com a "paz". Se dependesse desses governos e da ONU, a sorte do povo iraquiano já estaria traçada. Se há alguma força que pode se opor a esse massacre anunciado ou fazer o imperialismo pagar caro a aventura, é a força do movimento de massas, em particular dos países europeus e dos EUA.

O repúdio à guerra: Bush perde a batalha pela consciência

Bush e seus aliados já perderam um combate antes da guerra começar: a batalha pela consciência dos povos. O repúdio da imensa maioria da população mundial é um fato que até a mídia comprometida é obrigada a reconhecer e enfraquece os governos cúmplices. Pesquisas de opinião mostram um repúdio inédito a essa guerra, ainda antes que ela comece: na França, variam de 70 a 80 % as opiniões contra a guerra, mesmo que haja resolução da ONU. Na Espanha, uma pesquisa de cadeia de rádio deu 84% contra; no Japão, 79%. Na América Latina, há uma imensa maioria contra; no Oriente Médio, mais ainda, inclusive nos países aliados de Bush, como a Turquia (90%). Mesmo no interior dos EUA caiu muito o apoio, embora tenham havido oscilações a favor após as investidas publicitárias de Bush e Powell. Cresce o número de pessoas que se colocam contra a guerra e fazem algum tipo de ação – seja os que se expuseram nus no Central Park, os anúncios na TV, os clipes de artistas famosos – e a força das mobilizações é cada vez mais impactante.

As grandiosas manifestações européias já são hoje superiores às que se fizeram na época da guerra do Vietnã. Na Inglaterra, em setembro, houve a maior manifestação desde a II Guerra Mundial. Nenhuma das guerras do último século começou com tal grau de repúdio das populações dos próprios países imperialistas beligerantes, como já demonstraram as imensas marchas do Fórum Social Europeu de Florença, em outubro de 2002, e de Washington e San Francisco no dia 18 de janeiro de 2003.

Por isso, a organização das mobilizações unitárias contra a guerra tem ganhado força no movimento operário e estudantil do mundo inteiro. Por isso o 15 de fevereiro, jornada mundial de luta contra a guerra, pode ser a maior jornada internacional de que se tem notícia, pois estão convocadas mobilizações em todo o mundo, respaldadas pelas centenas de milhares de pessoas da marcha de Florença, pela coalizão antiguerra dos EUA e pelas 100 mil pessoas que participaram do Fórum Social de Porto Alegre. Essa ampla unidade é fundamental para deter as tropas ou fazer os governos responsáveis pelos massacres pagarem um alto preço.

AS GRANDIOSAS MANIFESTAÇÕES EUROPÉIAS JÁ SÃO SUPERIORES ÀS QUE SE FIZERAM NA ÉPOCA DA GUERRA DO VIETNÃ

Para enfrentar a ofensiva imperialista é necessário redobrar essas mobilizações e transformar a indignação contra a guerra em ações. O movimento operário pode entrar com suas formas típicas de luta e atingir o centro nervoso do imperialismo. Em particular na Europa, onde essa proposta surgiu no Fórum Social Europeu de Florença, devemos exigir das centrais sindicais que convoquem uma greve continental se começarem os bombardeios. E cada coletivo de trabalhadores pode realizar ações. Os sindicatos e as comissões internas podem promover ações de repúdio; os portuários e ferroviários podem realizar ações de boicote ao esforço guerreiro, como já houve na Grã-bretanha; os centros estudantis e os movimentos antiglobalização podem estimular e organizar a mobilização contra as bases militares como a ação em Torrejón, na Espanha. Transformemos o repúdio à guerra e ao imperialismo em ação contundente de massas!

S SÃO O PAÍS QUE
RÓLEO NO MUNDO...

CONSUMO ANUAL DE PETRÓLEO PELA POPULAÇÃO

ESTADOS UNIDOS | RESTO DO MUNDO

6%

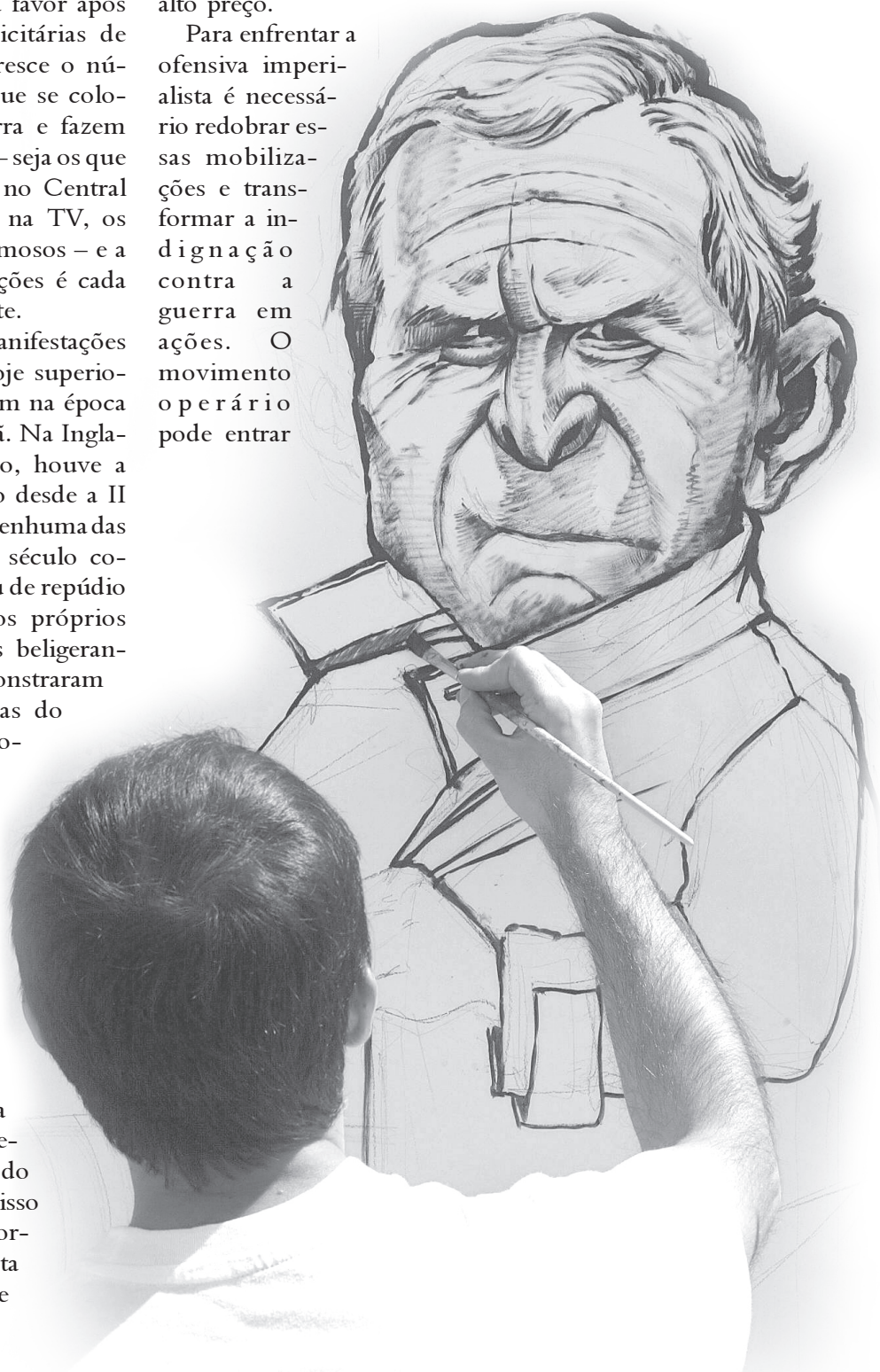
ADE DAS
ORIENTE MÉDIO

ORIENTE MÉDIO 61,7%

ARÁBIA SAUDITA	24%
IRAQUE	10,7%
EMIRADOS ÁRABES UNIDOS	9,3%
KUWAIT	9,2%
IRÃ	8,5%

POR ISSO O IRAQUE SOFREU 12 ANOS DE BLOQUEIO

1 milhão de mortos em decorrência do bloqueio

EVOLUÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL (em mil)

Jovem mexicano pinta retrato de Bush como um ditador

A paz só é possível se derrotarmos de vez o imperialismo

LIGA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES (LIT-QI)

DECLARAÇÃO SOBRE A GUERRA DOS ESTADOS UNIDOS AO IRAQUE

12 DE FEVEREIRO DE 2003

PASSEATA DE ABERTURA DO III FÓRUM SOCIAL MUNDIAL / FOTO MAURÍCIO SABINO

A guerra concentra de forma extrema todos os problemas, de tal maneira que não se pode fugir às definições mais de fundo. No III Fórum Social Mundial, convocado sob a bandeira "Pela Paz Mundial", havia essa contradição: as marchas realizadas tinham como centro a paz. É preciso dizer claramente a todos os trabalhadores do mundo que, para ter paz, é necessário derrotar o responsável pela guerra, o imperialismo. Nessas manifestações, além de denunciar aqueles que apertam os gatilhos das armas, é necessário também combater aqueles que dizem "aceitar a invasão desde que seja sob a bandeira da ONU". A ONU não é um parlamento mundial democrático e neutro, mas uma instituição a serviço do imperialismo, que respaldou a política de sanções e bombardeios ao Iraque por 12 anos e cujas missões servem para preparar o terreno ou dar um "visto bueno" à ação genocida de Bush, Blair e Sharon. Digam o que digam os inspetores que agem como verdadeiros espiões, não há justificativa para essa invasão.

Abaixo governos cúmplices do massacre! Exijamos de todos os governos que falam em paz que rompam com quem vai à guerra!

Cada governo deve ser colocado diante de uma situação de encruzilhada: sustentam os massacres ou se colocam contra. Para os governos vassalos que apóiam a guerra que suas populações não aceitam, só há uma palavra: Fora! Aznar, Berlusconi e Blair são cúmplices da matança e devem ir-se! Que não se permita a utilização das bases da Otan na Europa nem se enviem tropas para auxiliar na empresa colonial!

Alguns governos europeus, governos da região do Oriente Médio e mesmo alguns da América Latina que se dizem de esquerda falam da guerra como algo 'inevitável', ou que não lhes diz respeito. No máximo, como se estivessem referindo-se a uma catástrofe, lamentam as perdas que vão acontecer e o aumento dos preços de combustíveis que ela vai acarretar. O novo presidente do Banco Central do governo Lula, Henrique Meirelles, afinado com Wall Street e Davos, disse "estar torcendo por uma guerra bem-sucedida e rápida". Ou seja, torce para que os EUA consigam seus intentos de colonização logo, mesmo que se realize um massacre tão profundo que reduza o Iraque a pó!

É preciso dizer ao movimento operário, camponês e estudantil que essa guerra não diz respeito aos iraquianos ou aos povos árabes simplesmente. Esse ataque de Bush ao Iraque tem a mesma lógica dos ataques aos povos de todo o mundo, aos direitos dos trabalhadores da Europa, Ásia e da América Latina, da implantação da Alca e do saque através da dívida externa. É a sanha do imperialismo, sua necessidade de rapina permanente dos povos, que o move a gastar centenas de bilhões de dólares ao deslocar tamanha quantidade de tropas e armas terríveis para uma agressão colonial. Qualquer governo que se omita de tomar posição e siga pagando e cumprindo os contratos da dívida e do FMI como se não tivesse nada a ver com a guerra, está sendo cúmplice e está preparando a própria população para pagar o preço da aventura imperialista.

PELA RUPTURA IMEDIATA DE RELAÇÕES COM OS EUA EM CASO DE GUERRA!

Suspensão dos pagamentos da dívida externa que vai alimentar os exércitos de Bush! Ruptura das negociações da Alca!

Para derrotar o imperialismo e sua estratégia de agressão, deve-se enfrentar o plano genocida do governo Sharon de liquidação das aspirações palestinas. Por isso, nessa campanha contra a guerra é necessário também colocar a bandeira da luta pela libertação da Palestina e de apoio à Intifada, demonstrando que o alvo de Bush é o mesmo de Sharon e dos sionistas. É necessário apoiar a revolução palestina e denunciar a situação a que Israel submete os palestinos como parte da guerra de Bush contra os povos, incluindo a campanha pela liberdade dos presos políticos, tais como Abla Saadat, esposa do secretário-geral da FPLP e presa ao tentar comparecer ao Fórum Social Mundial de Porto Alegre, e dos cerca de cinco mil presos palestinos mantidos por Israel. Assim como é necessário estimular o boicote organizado contra empresas como Caterpillar, Sara Lee, Coca Cola etc., que sustentam com fortes investimentos e abastecem Israel de *bulldozers* e armas.

VIVA A INTIFADA! PELA LIBERTAÇÃO DA PALESTINA!

Toda ação, toda organização unitária que se configure contra a guerra, assume neste momento um papel muito progressivo porque enfrenta de forma objetiva os planos imperialistas. Hoje, a palavra de ordem central é parar a guerra, e podemos sintetizá-la em "Não à guerra! Fora tropas imperialistas do Oriente Médio!". Porém, já há uma discussão com aqueles que dizem "nem Bush, nem Saddam" ou, como se viu no Fórum de Porto Alegre, "nenhum fundamentalismo!". Esta política do "justo meio", a partir do momento em que as tropas invadam se transforma em um aval à invasão pela via da omissão.

Sabemos que o fato de Saddam ser um tirano que oprime seu povo e as minorias leva a uma desconfiança justificada nas ações desse ditador, que é aproveitada pelo imperialismo. Esse recurso hipócrita do imperialismo, que antes apoiou Saddam, ecoa em várias correntes que se dizem de esquerda no sentido de uma pretensa neutralidade entre ambos os bandos. Aqui é preciso ser claro: se Bush triunfar, a ditadura que sofrerá o povo iraquiano será muito pior, será um protetorado a serviço das multinacionais petroleiras, comandado por um general norte-americano. Não há lugar para vacilações nesse campo: estamos incondicionalmente ao lado da nação agredida contra o imperialismo. Em caso de agressão, estaremos, sem que isso signifique prestar qualquer apoio político ao governo Saddam, do lado militar do Iraque contra o imperialismo.

Os movimentos sociais de todo o mundo só podem ter um lugar diante da escalada militarista de Bush: ao lado do povo iraquiano contra a besta imperialista!

CAMPANHA DÁ LARGADA NA MONTAGEM DE COMITÊS E NA COLETA DE ASSINATURAS

MARIUCHA FONTANA,
da redação

Nas passeatas e atos do dia 15, as duas palavras-de-ordem mais cantadas indicam a compreensão de que a luta contra a guerra e contra a Alca é uma só: "Chega de bomba. Chega de ataque. Fora o imperialismo do Iraque" alternava com "Ô Lula, eu quero ver, o Plebiscito sobre a Alca acontecer".

O abaixo-assinado, presente em todas as passeatas, foi assumido com entusiasmo e milhares de assinaturas foram coletadas em pouco tempo. Depois das grandes manifestações deste dia 15, é possível e necessário montar os comitês contra a guerra e contra a Alca em toda parte.

Palestras e debates sobre estes dois temas, explicando a vinculação entre eles, é outra atividade decisiva e que começa a ser realizada com sucesso. O **PSTU** de São Paulo realizou palestras para mais de 750 pessoas. Os comitês na base se formam com facilidade. Na Faculdade de Letras da USP, em uma única atividade com a calourada, 50 estudantes se dispuseram a integrar o comitê e levar adiante as campanhas.

Atividades de agitação sobre os dois temas e coleta de assinaturas também aglutinam muitas pessoas e dão resultados importantes. Na Baixada Fluminense, militantes do **PSTU** colocaram uma banca por duas horas numa praça, coletaram mais de duas mil assinaturas, contataram muita gente e incorporaram mais pessoas na campanha

A largada na campanha está facilitada pela edição, por parte da Coordenação Nacional, de um milhão de panfletos. As entidades e ativistas devem se dirigir às coordenações estaduais para pegar o panfleto e distribuí-lo nos Estados. As entidades, na medida do possível, devem reproduzi-lo para que o mesmo possa atingir mais trabalhadores, jovens e populares.

A campanha contra a Alca, a dívida e a militarização – vinculada à campanha contra a guerra – se torna cada dia mais necessária. Pois o governo Lula está dando continuidade às negociações da Alca, ignorando o Plebiscito Popular e, para piorar, nos mesmos moldes do governo FHC. O governo não apenas entregou as propostas brasileiras no dia 15 de fevereiro – e o fez sem qualquer discussão com o povo e entidades do movimento –, como segue negociando os termos da Alca nas comissões criadas para este fim.

Ao lado, publicamos o comunicado da campanha nacional que fala destas negociações, exige transparência e a realização do Plebiscito Oficial em 2003. ■

FOTO ALEXANDRE LEME

FAIXA DIZ NÃO À ALCA EM PASSEATA CONTRA A GUERRA EM SÃO PAULO, NO DIA 15 DE FEVEREIRO

Comunicado da Campanha Nacional Contra a Alca

A Coordenação Nacional da Campanha Contra a Alca foi informada que o atual governo pretende entregar até o dia 15 de fevereiro as propostas e ofertas sobre indústria, agricultura e serviços, dando continuidade às negociações da Alca nos mesmos moldes das propostas elaboradas durante o governo de Fernando Henrique Cardoso. O governo deve pedir adiamento do prazo apenas para a entrega das propostas sobre investimentos e compras governamentais.

A coordenação vê com apreensão e receio essa informação, proveniente do ministro Celso Amorim, pois o conteúdo das ofertas não é de conhecimento público.

Além disso, essa iniciativa do atual governo, infelizmente, dá continuidade à política desenvolvida pelo governo anterior. É incompreensível que o governo Lula continue a esconder as propostas para a Alca, não permitindo seu debate na sociedade. Essa atitude dá margem a sérias preocupações: será que essas propostas comprometem a soberania de nosso país? Será que representam uma ameaça aos direitos dos trabalhadores?

Em setembro de 2002, realizamos um Plebiscito Popular sobre a Alca, onde mais de dez milhões de pessoas se manifestaram contra o acordo, pela saída do Brasil das negociações e contra a entrega da Base de Alcântara ao governo dos Estados Unidos. O resultado dessa consulta foi entregue aos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

Atualmente, a Campanha Nacional está coletando assinaturas para que o governo brasileiro convoque um Plebiscito Oficial sobre as negociações da Alca. Entendemos que, além de ser uma exigência constitucional, um governo democrático tem o dever de consultar a sociedade sobre um tema de tamanha relevância para o futuro do país. Portanto, solicitamos que o governo inicie um debate aberto sobre as negociações da Alca e que torne suas propostas públicas, antes de entregá-las e de retornar à mesa de negociações.

Solicitamos que o governo realize um Plebiscito Oficial, ainda este ano, para que a sociedade possa se expressar sobre a Alca, antes de dar continuidade a sua negociação.

Neste momento, a Campanha Nacional Contra a Alca intensifica a organização de núcleos e comitês, de debates e manifestações, e da coleta de assinaturas da Campanha pelo Plebiscito Oficial. Iniciamos ainda uma campanha de cartas pedindo que o governo brasileiro revele o conteúdo das suas propostas sobre a Alca. ■

CARTA MODELO

"Solicitamos ao governo brasileiro que revele o conteúdo das propostas para a negociação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Em uma democracia, é imprescindível que essas propostas se tornem públicas e que haja um amplo debate sobre esse tema na sociedade. Sabemos que as negociações da Alca trarão sérias conseqüências, pois abrangem um amplo leque de temas relacionados não só ao comércio, mas ao futuro da indústria, da produção agrícola, do trabalho, da saúde, da educação, e da própria soberania do país. A implementação da Alca pode significar a incapacidade do Brasil para definir seu próprio modelo de desenvolvimento. Portanto, entendemos que a sociedade brasileira tem o direito de debater as propostas do governo para a Alca e de ser consultada antes da continuidade das negociações."

FAVOR ENVIAR PARA:

Presidência da República
Presidente Luiz Inácio Lula da Silva
pr@planalto.gov.br
protocolo@planalto.gov.br

José Dirceu,
Ministro da Casa Civil
casacivil@planalto.gov.br

Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores
celsoamorim@mre.gov.br

Presidência do Senado Federal
Senador José Sarney
sarney@senado.gov.br

Presidência da Câmara dos Deputados
Dep. João Paulo Cunha
dep.joaopaulo@camara.gov.br

Servidores públicos lançam campanha salarial

COMBATE À PERDA DE DIREITOS NA REFORMA DA PREVIDÊNCIA E NÃO PAGAMENTO DA DÍVIDA GANHAM CENTRALIDADE NA PLENÁRIA NACIONAL DO FUNCIONALISMO PÚBLICO

FOTO MAURÍCIO SABINO

JUNIA GOUVEIA discursa na Plenária Nacional dos Servidores Públicos

ROGÉRIO MARZOLA,
de Brasília (DF)

Os Servidores Públicos Federais, reunidos em Brasília em sua Plenária Nacional, no último dia 18, aprovaram os eixos da campanha salarial.

Além das reivindicações da categoria, também entraram na pauta a exigência ao governo Lula de que o Brasil não participe da Alca; a defesa de uma previdência social pública, solidária e com regime de repartição; a incorporação das gratificações ao salário; a manutenção dos direitos trabalhistas e a busca da recuperação dos 56 direitos que foram retirados dos servidores durante o governo FHC; o cumprimento dos acordos conquistados na greve de 2001; e a defesa de uma reforma tributária que desonere os trabalhadores e faça os ricos pagarem pela crise.

Um dos pontos mais significativos do debate foi a inclusão da auditoria da dívida externa nos eixos da campanha, com imediata suspensão do pagamento, pois não é possível seguir sob a lógica definida pelo FMI e banqueiros internacionais, de que os trabalhadores devem sofrer mais ataques para gerar superávits que garantam suas absurdas taxas de lucro. Não há como assegurar os direitos trabalhistas, previdenciários, e um salário digno, se a quase totalidade do Orçamento segue para as contas do imperialismo.

A plenária confirmou a disposição de luta dos servidores para retomar a mobilização. Entre as resoluções aprovadas, inclui-se a aprovação de imediata paralisação da categoria se o governo colocar novamente em tramitação o PLP 9/99.

Foram também aprovados um posicionamento contra a guerra imperialista no Iraque, a solidariedade ao povo iraquiano, e a incorporação dos servidores públicos em todas as atividades contra a guerra, bem como a inclusão deste tema em suas atividades. ■

Zé Maria e parlamentares da esquerda do PT apoiam funcionalismo

A visita da senadora Heloísa Helena e dos deputados Lindberg Farias, Babá e Luciana Genro foi um dos destaques da plenária. Eles se comprometeram a estar junto dos trabalhadores e enfrentar o governo se necessário. A presença dos parlamentares foi muito aplaudida, em especial pelos seus posicionamentos contra as medidas neoliberais do governo Lula, expressando assim o sentimento dos delegados(as).

Zé Maria afirmou que "Não há solução para o país sem romper com a Alca e o FMI, sem deixar de pagar as dívidas externa e interna, mas a opção que Lula fez foi de manter o modelo neoliberal e os contratos com o FMI. Isto é que tem levado os sevidores a se mobilizarem contra o governo Lula". Sobre a presença dos parlamentares da esquerda do PT, Zé Maria dissse ainda: "Saudamos o apoio dos companheiros da esqueda do PT à luta dos servidores. Os companheiros não devem vacilar em manter a coerência da defesa dos direitos dos trabalhadores. Se for necessário romper com o governo e votar contra suas medidas, mesmo que isso signifique ser expulsos do PT, devem fazê-lo".

AS REIVINDICAÇÕES

1) Reajuste emergencial de 46,95%, equivalente às perdas salariais apenas de junho de 1998 para cá, quando entrou em vigor a Emenda Constitucional 19 e o STF reconheceu o direito dos servidores a reposição anual;

2) Instituição de mesa de negociação e política salarial para o restante das perdas acumuladas nos governos FHC;

3) Contra a reforma da Previdência proposta pelo governo, em especial através do PLP 9/99, construído por FHC com o FMI, e que introduz a regulamentação da Emenda Constitucional 20, implementando a Previdência complementar, o teto de benefícios e a quebra da paridade entre ativos e aposentados, entre outras, sendo hoje defendido também pelo governo Lula. Imediata retirada do projeto.

O PLANO DE LUTAS

- Rodadas de assembléias gerais até **19 de março** em todo o país para dar seqüência às deliberações da Plenária Nacional;
- Lançamento da campanha salarial com atos nos Estados em **20 de março**;
- Plenárias setoriais no dia 22 e nova Plenária Nacional dos federais no dia **23 de março**;
- Seminário Nacional sobre Previdência, em Brasília, no dia **25 de março**;
- Realização de audiências públicas nos estados e seminários em conjunto com servidores estaduais, municipais e trabalhadores da iniciativa privada, para ampliar a campanha contra a reforma da Previdência e mostrar que todos os trabalhadores estão unidos.

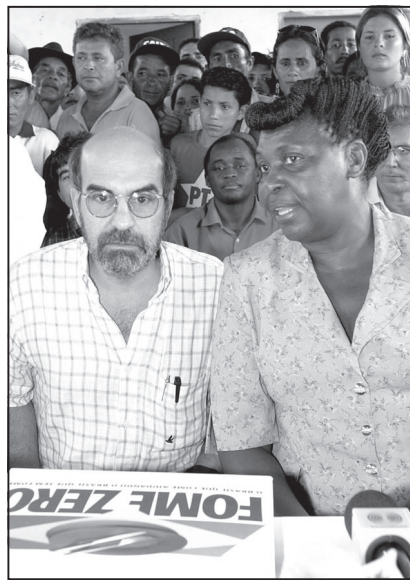
Governo do PT demite no Piauí

Wellington Dias começou o mandato mandando 14.500 servidores públicos para o olho da rua

ROMILDO DE CASTRO,
de Teresina (PI)

O novo governador do Estado do Piauí, Wellington Dias (PT) iniciou seu mandato demitindo 14.500 servidores públicos considerados "irregulares", principalmente nos setores de saúde e educação. O governo petista jogou na rua todo esse pessoal, contratado sem concurso, em nome da lei e da moralização. Pura mentira!

A verdade é que o PT demitiu os servidores porque governa em consonância com a política do FMI - leia-se Lei de Responsabilidade Fiscal e outras medidas de enxugamento da máquina administrativa. Somente no mês de janeiro, esse governo já destinou R$ 25 milhões para pagar juros da dívida pública do Piauí. Faz o mesmo que os governos do PMDB e PFL, que em oito anos gastaram mais de R$ 2 bilhões com a jogatina da dívida, favorecendo a agiotagem internacional.

GUARIBAS (PI) 03/02/2003
FOTO ANA NASCIMENTO / AGÊNCIA BRASIL

FOME ZERO

O Piauí está sendo muito badalado desde a posse de Lula. Isso porque o Estado será o laboratório do Programa Fome Zero. Na cidade de Guaribas, escolhida para o programa, 90% da população não têm emprego e somente 20% têm saneamento básico. Acontece que no Piauí não tem miséria só em Guaribas: hoje, 30% da população economicamente ativa (700 mil pessoas) estão desempregadas no estado.

Só esse dado já mostra que não se justificam as demissões realizadas pelo governo petista. E ainda, o governo tenta iludir os demitidos do serviço público ao prometer garantia de acesso ao mercado de trabalho. Para isso, diz que irá "ajudar" com R$ 100 durante quatro meses. Após isso, todos receberiam qualificação profissional e orientações para montar cooperativas de serviços gerais. Assim, o estado poderia contratar os serviços, o que garantiria trabalho para todos.

Quando o governo petista assume uma postura vergonhosa como esta, está jogando por terra todas as expectativas dos trabalhadores. Os demitidos do estado, entretanto, estão organizados através do sindicato da saúde, o Sindespi. E prometem lutar até que as demissões sejam suspensas. ■

A CUT NA ENCRUZILHADA

NO OITAVO CONGRESSO, A CENTRAL TERÁ DE ESCOLHER: OU DEFENDERÁ OS INTERESSES IMEDIATOS E HISTÓRICOS DOS TRABALHADORES OU SE TORNARÁ *CHAPA BRANCA* DO GOVERNO, UMA CENTRAL OFICIALISTA, QUE APOIARÁ AS REFORMAS NEOLIBERAIS E OS PLANOS DO FMI

AMÉRICO GOMES,
de São Paulo (SP)

A abertura dos debates para o 8º Congresso da Central Única dos Trabalhadores (CONCUT) teve um lançamento inusitado, demonstrando com clareza o que a Articulação Sindical pretende. Começou tomando as páginas dos jornais com o lançamento da candidatura de Luís Marinho, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, à presidência da Central.

Tradicionalmente os sindicalistas iniciavam os debates dos congressos cutistas pela conjuntura política nacional e internacional, planos de luta e organização do movimento. Somente depois de um intenso debate é que se chegava à conformação das chapas, após discutir internamente em cada corrente os nomes que a comporiam, em especial o do candidato a presidente.

Este ano ocorre tudo ao contrário: a Articulação Sindical já lançou o nome do presidente para depois discutir a política e os planos da CUT. Isso ocorre porque o governo Lula está deixando claro, seja no Congresso Nacional ou nos meios de comunicação, que os ajustes exigidos pelo FMI serão feitos com toda a rigidez necessária, mesmo que sejam excessivamente duros e tragam mais arrocho nas condições de vida dos trabalhadores. Afinal de contas, "todos" têm que dar sua parcela de sacrifício para tirar o país da crise.

Por isso, o governo aumentou a proposta de superávit primário para 4,25%, cortou verbas da área social, prepara um novo aumento da taxa de juros, vai realizar a reforma da previdência e a trabalhista, garante a autonomia do Banco Central e não se dispõe a oferecer ao funcionalismo nada acima de 4% de reajuste.

Ora, para aplicar todo esse plano Lula necessita de um movimento sindical dócil e obediente, que defenda esse projeto que segue as ordens do imperialismo, ainda mais na maior central sindical de nosso país.

João Felicio, por mais governista que seja, não é o nome ideal. Ninguém melhor do que Luís Marinho, conhecido pela aplicação do banco de horas nas fábricas do ABC e pelo acordo que rebaixou salários na Volks.

INDEPENDÊNCIA

Essa é a política da maioria da direção da central, e não podemos permitir que ela conduza a CUT de armas e bagagens para esse projeto.

Nossa central, na sua fundação, teve uma trajetória de independência de classe, apoio à ação direta e construção de mobilizações pela base contra todos os planos econômicos do imperialismo que tentaram implementar no Brasil. Portanto, o grande desafio da vanguarda sindical é encarar de frente este debate político, um dos mais importantes das história do movimento sindical.

Será uma luta implacável para que a CUT esteja na linha de frente contra a guerra imperialista de Bush, exigindo que o governo Lula rompa com o imperialismo norte-americano, deixe de pagar a dívida externa e pare de negociar a Alca, na medida em que os EUA agridam militarmente o Iraque. Além disso, terá que ser a vanguarda da campanha pelo plebiscito oficial da Alca, que é uma exigência do movimento.

A CUT não poderá fugir à responsabilidade na condução da luta sem trégua contra os planos do imperialismo e contra a exploração do capital que massacra os trabalhadores e o povo pobre de nosso país. Para isso, terá então que se enfrentar com as políticas econômicas defendidas e implementadas pelo governo Lula.

Esta será a maior prova que a nossa central já enfrentou: ou mantém suas bandeiras tradicionais, das reivindicações dos trabalhadores que representa, ou se transformará numa central governista, *chapa branca*, incapaz de organizar a luta em defesa dos interesses imediatos e históricos de nossa classe. ■

Bloco de Esquerda contra a política governista

Estará nas mãos das correntes da esquerda do PT, que durante anos se uniram contra a política de conciliação da Articulação Sindical e em defesa da democracia de nossa central, dar mais esse combate, agora contra a política governista.

Fazemos um chamado aos militantes da esquerda petista para que construamos um bloco neste congresso. Unir a esquerda da CUT para manter a central como uma entidade classista, de luta, democrática e socialista, será o grande desafio das correntes combativas do movimento sindical brasileiro.

CHARGE DE HENFIL DA ÉPOCA DA FUNDAÇÃO DA CUT MOSTRA ALGUNS DOS OBJETIVOS DA CENTRAL

Greve paralisa hospital em Belo Horizonte

CACAU,
de Belo Horizonte (MG)

Os trabalhadores do Hospital São Francisco (HSF), em Belo Horizonte, estão em greve desde o dia 10 de fevereiro, devido aos atrasos constantes no pagamento dos salários e às péssimas condições de trabalho.

Segundo o diretor do sindicato da categoria e funcionário do hospital, André Luiz Pádua, militante do **PSTU**, a greve expõe todas as mazelas do sistema privado de saúde.

O HSF goza de inúmeras vantagens fiscais e tributárias, por ser considerado entidade filantrópica, vinculada à Sociedade São Vicente de Paula. No entanto, além de desrespeitar direitos mínimos dos trabalhadores (pagamento em dia, concessão do vale-transporte, depósito do FGTS, etc.), funciona sem as condições necessárias. Faltam luvas, sabão e papel-toalha para os empregados e até antibióticos, esparadrapo, roupas de cama e gazes para os pacientes. A má administração do hospital penaliza os empregados e usuários.

O dirigente da CUT/Minas Gerais e militante do **PSTU**, Boaventura Mendes, enxerga um avanço na organização de base dos trabalhadores. "Após a organização da escala mínima, ainda na portaria do hospital, os trabalhadores dirigem-se para o Sindicato, onde discutem os próximos passos do movimento. Também realizam debates sobre temas políticos, como a Alca e a guerra no Oriente Médio e acompanham as reuniões de negociação com a direção do hospital".

Quando fechávamos esta edição, a greve seguia forte. Os empregados participaram do ato que condenou a ameaça de invasão ao Iraque pelos EUA no centro de Belo Horizonte, no sábado, 15 de fevereiro. ■

"Nós, latino-americanos, temos de defender verdadeiramente nossa independência e autodeterminação"

Tomas Zayas, um dos principais líderes camponeses do Paraguai, militante histórico da luta contra a ditadura de Stroessner, é o candidato à Presidência pela coligação entre o Partido dos Trabalhadores do Paraguai, o Partido Pátria Livre e mais de 20 organizações camponesas e sindicais. Nesta entrevista ao* Opinião Socialista, *ele fala sobre a situação do país e da América Latina, as perspectivas diante da Alca e a mobilização dos trabalhadores.

Foto arquivo LIT-QI

Por **LUPUS** (Paraguai) e **LUCIANA CÂNDIDO** (Porto Alegre)

Opinião Socialista – Na América Latina vemos hoje o aprofundamento da crise e um ascenso das mobilizações de massas. Como você caracteriza isso?

Tomas Zayas – O aprofundamento da crise da América Latina é conseqüência e resultado da crise do modelo capitalista neoliberal e, ultimamente, não apenas os países subdesenvolvidos estão nesta situação, mas também os EUA. Sabemos perfeitamente que os próprios países imperialistas estão em crise com seu modelo econômico. Por outro lado, o ascenso do movimento é uma resposta que estão dando os trabalhadores da cidade e do campo à ofensiva neoliberal, à falta de trabalho, ao problemas da saúde e da educação.

OS – Qual a relação dessa situação com a chegada de governos de frente popular ao poder?

Tomas – Acredito que a conjuntura permitiu que esse tipo de governo ganhasse a simpatia e a esperança dos explorados da América Latina. Não que estes governos irão solucionar os problemas dos trabalhadores, mas é parte da resposta que estão dando os pobres, os explorados. E é um pouco a demonstração de que eles não têm mais nenhuma confiança nos latifundiários e nos grandes capitalistas. Consideramos que é progressivo, independentemente do fato de que Lula ou Chávez ou outro governo frentepopulista não vai resolver as questões dos trabalhadores. Espero que eles compreendam que ter esperanças em suas próprias forças é a única garantia para a solução de seus problemas.

> *"Os EUA querem assegurar os 800 milhões de consumidores da América Latina"*

OS – Na sua opinião, quais as perspectivas para a América Latina e para o Paraguai com a ameaça da Alca?

Tomas – Existe uma situação gravíssima, porque a Alca é um projeto recolonizador por parte dos EUA, de dominação total, econômica, política e militar do continente. Sabemos que este grande mercado representa 800 milhões de consumidores e os EUA estão muito preocupados em assegurá-lo. Por outro lado, tem a questão agrícola, que afeta todos os países desta área, visto que os EUA estão decididos a subsidiar sua agricultura em 65% até o ano 2020 e proibir outros governos de subsidiar a produção agrícola. Obviamente, consideramos que a Alca trará mais desemprego, mais fome, mais miséria. E não estamos imaginando, mas levando em conta a experiência da Nafta. A situação atual do México é a evidência de que este projeto não é solução para os povos.

OS – Dentro deste contexto, qual a situação do Paraguai?

Tomas – Os partidos tradicionais estão muito desprestigiados, a corrupção afeta amplos setores, começando pelo presidente da República, os parlamentares, o Poder Judiciário. Entre os trabalhadores, há uma pobreza cada vez mais forte. No campo, existe uma miséria crescente e o abandono em massa da terra. Neste marco, se dá uma certa consolidação das organizações camponesas e dos movimentos juvenis que vêm impulsionando a luta. Isso permitiu que os trabalhadores, nos últimos tempos, optassem por uma alternativa política ante os candidatos da direita.

OS – Quais forças políticas atuam hoje no Paraguai?

Tomas – De um lado, estão os sujeitos do imperialismo, os colorados e os liberais, que são grandes partidos onde estão metidas as oligarquias, os latifundiários, enfim, os capitalistas em geral. Apresentam-se algumas novas figuras, como Pedro Fadul (Movimento Pátria Querida), ligado à igreja católica e que considero seja um a mais dentro da direita. E, pela primeira vez na história de nosso país, se dá a possibilidade de unir partidos de esquerda com os movimentos sociais. Assim, podemos dizer que, por um lado, está a direita, tratando de manter seu espaço, poder e privilégios; e, por outro, os partidos de esquerda junto com as organizações camponesas, sindicais e outras.

OS – Em que condições se conformou a aliança PT-PPL?

Tomas – Acredito que vale a pena destacar não somente o Partido dos Trabalhadores e o Partido Pátria Livre, mas também a presença dos indígenas no seu Movimento Político 19 de Abril, das 23 organizações camponesas, do MIL - Movimento pela Igualdade e pela Liberdade. A unidade entre essas organizações políticas e sindicais se deu pelo programa, onde se colocam a luta contra a Alca, a ruptura com o FMI, o não pagamento da dívida externa e uma reforma agrária radical. São os quatro pontos programáticos em que coincidem todos e que permitiram ocupar um espaço importante e gerar um debate em todos os setores fundamentais do campo e da cidade.

OS – Estamos diante da tentativa da guerra contra o Iraque. Como você avalia essa situação?

Tomas – Em primeiro lugar, acredito que esta tentativa de ataque demonstra o enfraquecimento e perda de influência que sofre o imperialismo, porque já não é como antes que, quando o presidente norte-americano dizia que iria atacar um país, todo mundo se colocava à disposição. Há muita resistência. Creio que o triunfo do povo iraquiano representaria um pouco o triunfo de um povo anti-imperialista. Diante desta situação, temos que chamar todo o povo latino-americano a unir forças e estabelecer mobilizações repudiando a tentativa do imperialismo de atacar o Iraque. Também acredito que o povo palestino está demonstrando que se pode lutar contra os opressores, contra o imperialismo e pela independência. Temos que aprender, nós latino-americanos, a lutar na mesma medida para, verdadeiramente, defender a nossa independência e autodeterminação ■

PT

OS PRINCIPAIS PONTOS DO PROGRAMA DE TOMAS ZAYAS

1) CONTRA A ÁREA DE LIVRE COMÉRCIO DAS AMÉRICAS
2) RUPTURA COM O FMI
3) NÃO PAGAMENTO DA DÍVIDA EXTERNA
4) REFORMA AGRÁRIA RADICAL

FOTOS CMI ARGENTINA

Conflitos violentos colocam em xeque governo de Lozada

DURANTE DOIS DIAS, A POPULAÇÃO DA BOLÍVIA SAIU ÀS RUAS E ENFRENTOU VIOLENTOS CHOQUES COM O EXÉRCITO PARA EXIGIR A RENÚNCIA DO PRESIDENTE GONZALO SÁNCHEZ DE LOZADA E O FIM DO IMPOSTO SOBRE OS SALÁRIOS

Nos dias 12 e 13 de fevereiro, a Bolívia foi palco de um banho de sangue, que terminou com 23 mortos e cerca de 80 feridos. O conflito começou na quarta-feira (12), após soldados do Exército terem disparado contra sete mil policiais em greve e milhares de civis que protestavam na capital, La Paz, contra o projeto do governo que estabelecia impostos sobre os salários.

Após sua eleição, há apenas seis meses, o presidente Gonzalo Sánchez de Lozada conseguiu uma trégua momentânea das direções camponesas e dos "cocaleros" (os plantadores de coca), que suspenderam a onda de mobilizações que atingiu a Bolívia no ano passado. Sentindo-se fortalecido, o governo tentou sanar seu enorme déficit atacando os setores assalariados. Porém, a reação saiu por onde menos se esperava: a polícia de La Paz começou um motim exigindo a anulação do aumento de impostos.

A revolta dos policiais foi seguida pela mobilização de milhares de trabalhadores, que foram às ruas para exigir a renúncia do governo. O Exército foi chamado para proteger o palácio do governo e atirou contra a população, matando 16 pessoas. As sedes da vice-presidência da República, do Ministério do Trabalho e dos partido governistas – MIR e MNR – foram incendiadas e manifestantes levantaram barricadas em La Paz e bloquearam estradas. Em Santa Cruz e Cochabamba também aconteceram conflitos violentos, com incêndio de prédios públicos e saques no comércio.

Ainda no final da tarde de quarta, Sánchez de Lozada, fez um pronunciamento e anunciou a revogação da proposta de imposto sobre os salários. Na madrugada do dia 13, o governo anunciou um acordo para pôr fim à greve da polícia, que incluía entre seus 19 pontos o pagamento de uma indenização de 10 mil dólares às famílias dos policiais mortos.

Mas as mobilizações continuaram. Durante o dia, o policiamento em La Paz foi feito apenas pelo Exército e uma grande passeata, organizada pela Central Operária Boliviana, cruzou o centro da cidade pedindo a renúncia do presidente. Franco-atiradores dispararam contra a multidão e mais sete pessoas morreram. O Exército usou bombas de gás e balas de borracha para tentar dispersar os manifestantes e impedir que se aproximassem do palácio do governo. Seguiram-se saques, em especial nas cidades de El Alto e Santa Cruz.

A COB iniciou uma greve geral e voltou a exigir a renúncia do presidente. Evo Moralez, dirigente dos plantadores de coca e ex-candidato a presidente, também pediu a saída imediata de Sánchez de Lozada e acusou o governo de promover ações repressivas aos indígenas.

Somente da na sexta-feira, dia 14, a greve geral foi suspensa e os policiais rebelados voltaram ao trabalho. Entretanto, continua a campanha das entidades sindicais, estudantis e dos cocaleros e indígenas pela renúncia de Sánchez de Lozada.

ENTENDA O IMPOSTO

No início de fevereiro o governo boliviano apresentou ao poder legislativo um pacote de medidas econômicas, entre as quais um imposto sobre salário, recomendado diretamente pelo FMI.

COMO É HOJE

Os trabalhadores que recebem menos de 4 salários mínimos (1.760 pesos bolivianos ou 200 dólares) não pagam imposto sobre o salário. Os que recebem acima disso podem apresentar faturas de gastos para se livrarem do pagamento.

COMO FICARIA

Com o pacote do governo, os trabalhadores que recebessem acima de 100 dólares deveriam passar a pagar 13% de imposto sobre o salário. O objetivo do governo era reduzir o déficit fiscal de 8,5% para 5% do PIB.

MST lança panfleto chamando governo dos operários e camponeses

O Movimento Socialista dos Trabalhadores (MST), seção da LIT-QI, lançou, em 13 de fevereiro, um panfleto chamando as direções do movimento a unificar a luta, rumo a um governo comprometido com os trabalhadores.

O documento afirma que o governo foi favorecido pela trégua que deram as direções nas chamadas 'mesas de diálogo' e quis "cumprir as ordens do FMI, lançando uma redução geral de salários". Porém, as massas transformaram em seu o motim da polícia e foram às ruas pela renúncia do governo.

O MST propôs que as principais organizações dos trabalhadores (o MAS de Evo Morales, a COB, a CODES, o Estado Maior do Povo, e o MIP – Mallku), junto com os policiais de base amotinados, unificassem forças em um só comando, capaz de organizar a mobilização para derrotar o governo.

NENHUMA TRÉGUA!

O MST também criticou a idéia de antecipação das eleições, que só serviria para dar tempo ao regime pró-imperialista para acumular forças. O caminho a seguir, para o partido, é o da continuidade das mobilizações, até a conquista de um governo dos trabalhadores, dos camponeses e do povo. "Exijamos de nossas direções que tomem o poder e imponham um programa de ruptura com o imperialismo e as transnacionais, mediante o não pagamento da dívida externa, expulsando o FMI da Bolívia, recuperando o gás e todas as empresas privatizadas, impedindo a implementação da Alca".

O documento conclui com as palavras de ordem "Fora o goveno de MNR-MIR" e "Por um governo da COB, da CSUTCB e do Estado Maior do Povo, encabeçado por Evo Morales/MAS agora!"

UM DIA QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA

Milhões saíram às ruas contra a guerra imperialista. As maiores manifestações ocorreram na Europa e EUA. Foi um dia que passará para a história: O imperialismo ianque e seus "aliados" estão perdendo a batalha pela consciência das massas antes de iniciar o massacre contra o povo iraquiano.

ESTADOS UNIDOS: "NÃO EM NOSSO NOME"

Apesar do boicote da mídia, das intimidações, do fechamento de estações do Metrô e até mesmo da proibição das passeatas, Nova York e mais 150 cidades norte-americanas se somaram ao turbilhão contra a guerra. Aos gritos de "As ruas são nossas", 250 mil pessoas ocuparam a Primeira Avenida, num dia de 4 graus negativos. Em Washington, Miame, Chicago, Los Angeles, outros milhares de manifestantes estiveram presentes. No entanto, nos EUA já se vive uma censura de guerra. As principais redes de TV praticamente não noticiaram as manifestações. Em pleno dia 15, a CNN fazia uma "cobertura especial" sobre as "ramificações mundiais da Al Qaeda".

EUROPA SE LEVANTA

As maiores manifestações européias ocorreram na Inglaterra, Espanha e Itália, cujos governos se aliaram servilmente ao imperialismo. A legitimidade destes governos ficou dramaticamente questionada aos olhos do povo. Na Europa vale destacar a expressiva participação da juventude e dos imigrantes. Na Espanha, 82 atos reuníram seis milhões de pessoas. As marchas de Madri e Barcelona, com um milhão e meio cada, ficaram entre as maiores do continente. Na Catalunha, quase um terço da população saiu às ruas. Em Roma, os organizadores estimaram quatro milhões de pessoas. Londres realizou a maior concentração de sua história, estimada em 2 milhões de manifestantes. No mesmo dia 15, a imprensa ressaltava que 90% dos britânicos são contrários à guerra, e 60% deles inclusive se ela for aprovada pela ONU. A Alemanha reuniu um milhão de manifestantes, 500 mil em Berlim. Paris teve 250 mil, exigindo que Chirac exerça o direito de veto no Conselho de Segurança da ONU.

BRASIL: 60 MIL SAEM ÀS RUAS

No Brasil, foram realizados atos e manifestações em praticamente todas as capitais e em várias cidades importantes. A maior demonstração coube a São Paulo, com um ato em frente ao Masp e passeata que reuniram 30 mil participantes. Embora o ministro Olívio Dutra tenha afirmado o apoio de Lula à mobilização, foram poucas as figuras importantes do PT na mobilização. A coluna do PSTU foi numerosa e animada. Zé Maria falou durante o ato e afirmou que a guerra de Bush é "contra todos os trabalhadores e países pobres do mundo" e "que esta guerra na América Latina tem nome: Alca". Exigiu ainda de Lula que rompa as negociações da Alca e as relações com os EUA. A marcha do Rio de Janeiro, que foi do Leme até o Posto 6, em Copacabana, teve cerca de 15 mil participantes. Em Fortaleza, o PSTU levantou, no ato que reuniu 3 mil pessoas, uma faixa onde se lia "Contra a guerra e a Alca, Lula, rompa com o FMI". Cerca de 1.500 pessoas participaram de passeata em Salvador. Outras 1.5000 se manifestaram em Belo Horizonte. Recife, Curitiba e São Luís também tiveram atos importantes.

Diante da iminência da invasão do Iraque é preciso preparar os próximos passos da luta contra a guerra: organizemos novas manifestações!

(Colaborou Felipe Alegria, de Barcelona)

OS PRINCIPAIS ATOS

MADRID	ROMA	BERLIM
1,5 MILHÃO	4 MILHÕES	500 MIL
BARCELONA	LONDRES	PARIS
1,5 MILHÃO	2 MILHÕES	250 MIL